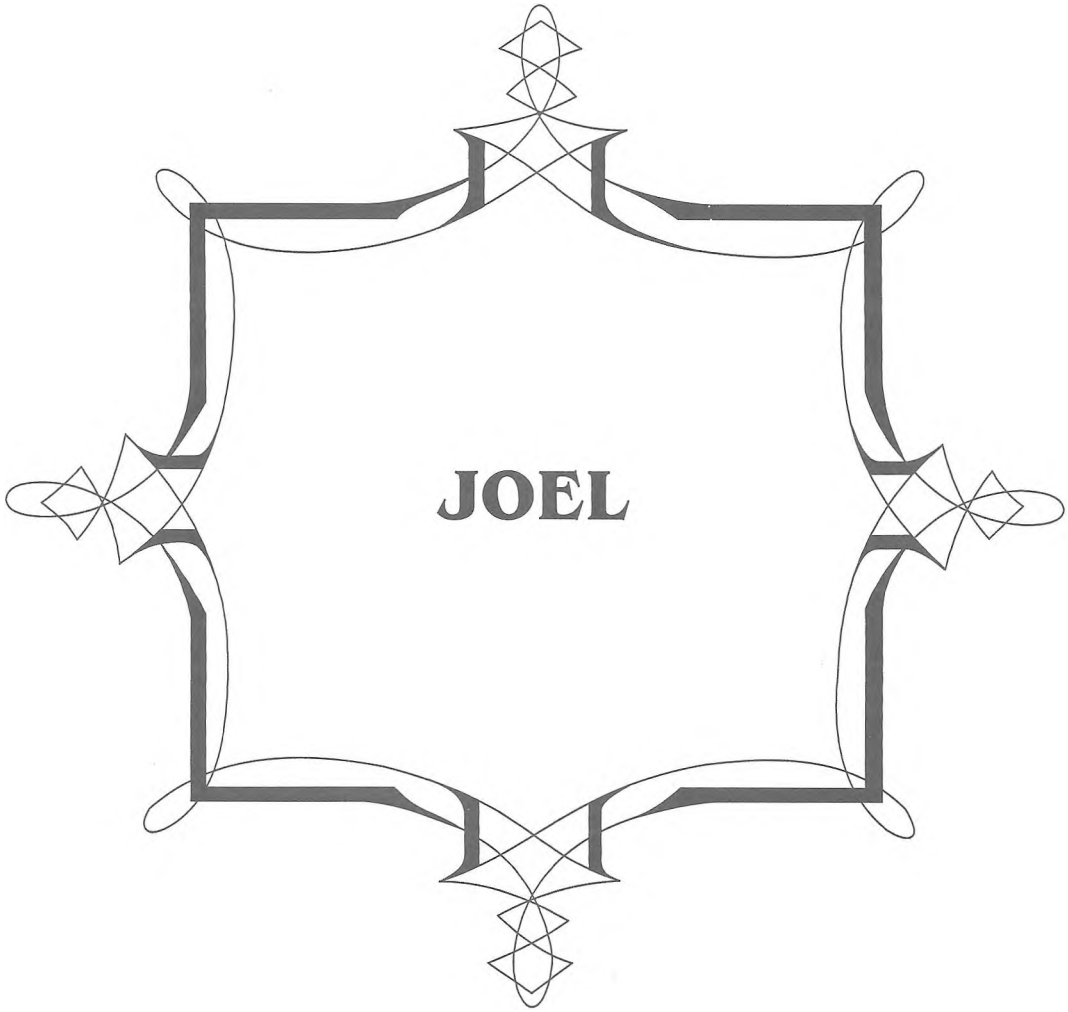
O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor
R. N. Champlin, Ph. D.

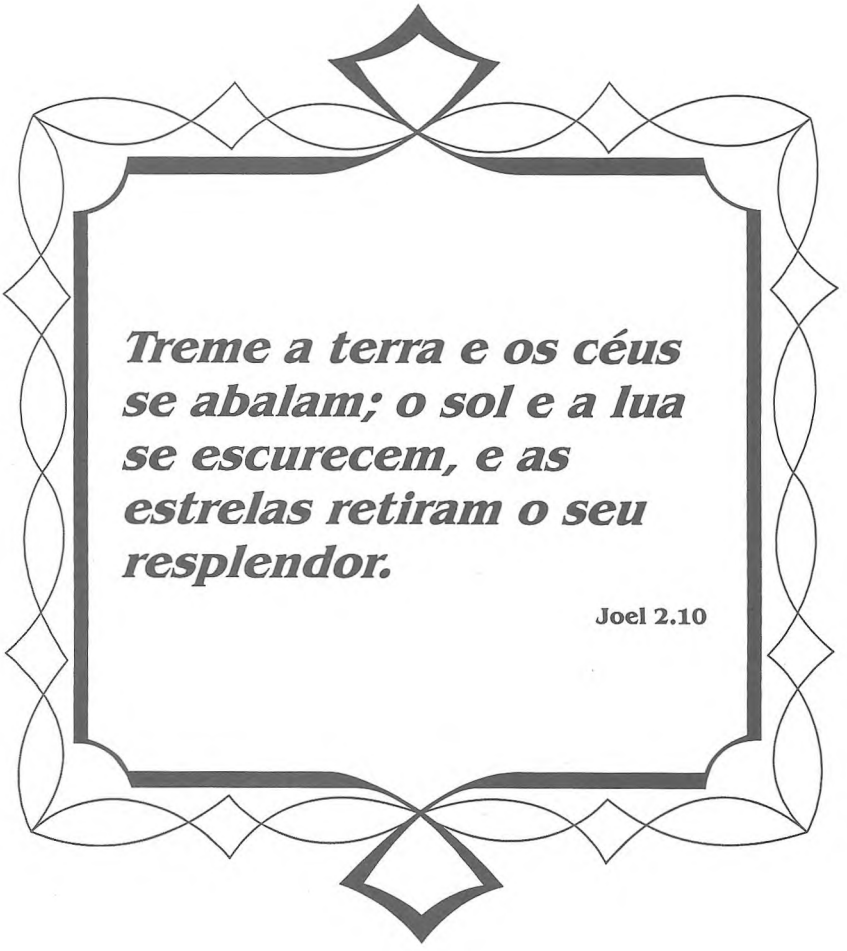
JOEL

HAGNOS



JOEL

O Livro que Descreve o
Dia do Senhor



Joel

3 Capítulos
73 Versículos

INTRODUÇÃO

Quanto ao significado do nome *Joel*, ver no *Dicionário* o artigo *Joel (Não o Profeta)*.

Esboço:

I. Caracterização Geral
II. Joel e a Autoria do Livro de Joel
III. Data
V. Pano de Fundo Histórico e Propósitos
V. Alguns Pontos Teológicos Distintos do Livro
VI. Esboço do Conteúdo
VII. Bibliografia

I. Caracterização Geral

Joel foi um profeta do reino de Judá, que alguns pensam ter agido em cerca de 800 A.C., enquanto outros imaginam ser dos tempos pós-exílicos. Mas, apesar de suas profecias terem sido dirigidas especificamente ao reino do sul, Judá, a sua mensagem é universal. Se aceitarmos a data mais antiga, então o seu ministério se deu durante o reinado de Joás (II Crô. 22—24). Assim sendo, é possível que tenha conhecido Elias, quando ainda era menino, e por certo era contemporâneo de Eliseu. Joel escreveu uma obra-prima poética, falando sobre a devastadora praga de gafanhotos que havia assolado a Palestina. Todavia, seu poema profético envolve quatro mensagens centrais. Além da espantosa devastação produzida pelos gafanhotos (símbolo da ira divina, além de poder predizer outros juízos divinos), Joel também falou sobre a frutificação renovada da terra, sob a condição de arrependimento; o dom do Espírito, nos últimos dias; e o julgamento final das nações que tinham perseguido ou causado dano à nação de Israel. Os estudiosos conservadores vêem sentidos escatológicos ainda mais profundos em seus escritos, afirmando que eles se aplicam ao final da nossa dispensação. De fato, o esquema profético de Joel é o mais completo do Antigo Testamento, embora o autor nos apresente esse esquema em largas pinceladas. Só o Novo Testamento vai mais longe na abrangência de sua visão. Naturalmente, em um livro pequeno como o de Joel, não há detalhes, que os demais livros proféticos se encarregam de preencher. Não foi à toa que Pedro, no primeiro sermão da igreja cristã, tenha citado diretamente somente Joel e Davi! Ver Atos 2.14-36.

Para alguns eruditos, o livro de Joel não foi escrito somente por um autor; segundo eles, houve uma série de suplementos, da parte de outros autores, que seriam nacionalistas e escatologistas militantes. Esses acreditam que tudo o que se lê de Joel 3.1 em diante é suplementar. Além disso, um editor jeovista (alguém que favorecia o uso do nome divino Yahweh) teria feito alguns acréscimos nos caps. 1 e 2, procurando converter a descrição da praga de gafanhotos em uma profecia sobre o dia do juízo divino. Nesse caso, Joel teria originalmente narrado, com grande brilhantismo, a praga de gafanhotos, que havia devastado campos, pomares e vinhedos, além de haver convocado o povo de Judá ao jejum e à oração, para que a devastação dos insetos terminasse. Finalmente, Joel teria registrado o livramento que se havia seguido, mediante ações de graças. Usualmente, quando os eruditos vêem a mão de vários autores em um livro, mormente se esse é pequeno, como o de Joel, eles se estribam sobre meras razões subjetivas, escudando-se naquilo que este ou aquele supõe que o autor sagrado deva ter escrito. E os argumentos contrários são igualmente subjetivos, de tal modo que quase sempre esses debates são inócuos, e não levam a nada. Os eruditos conservadores, como é natural, não gostam de ver os livros da Bíblia perturbados e manipulados, quase como se isso fosse contrário à divina inspiração. Os estudiosos liberais, por sua vez, em seu afã por sondar, examinar e entender pequenos detalhes, quase sempre se acham capazes de encontrar mais de um autor em qualquer obra escrita. Mas, se houve mesmo um só ou mais de um autor, em qualquer livro da Bíblia, isso nada tem que ver com a sua espiritualidade, e só deve tornar-se uma questão de debate se puder aprimorar o nosso conhecimento acerca das qualidades históricas e literárias da obra em discussão.

Na lista dos doze profetas menores, segundo o cânon hebreu, Joel aparece em segundo lugar; mas, na *Septuaginta* (ver a respeito no *Dicionário*), aparece em quarto lugar. O texto massorético exibe os quatro capítulos tradicionais; mas as versões da Septuaginta trazem três, combinando os capítulos 2 e 3 em 2.1-27,28-32. A Vulgata Latina também segue esse arranjo.

A profecia de Joel parte da praga de gafanhotos, agravada por seca e fome subseqüentes. Essa praga se assemelhava a um exército devastador, que atravessou, marchando, a região inteira da Palestina. Isso levou o profeta a meditar em termos mais amplos, sobre o juízo divino vindouro. Alguns estudiosos vêem aí uma predição sobre os cativeiros assírio e babilônico, e, além disso, um quadro escatológico sobre o futuro Dia do Senhor. Tal juízo requer arrependimento da parte dos homens, pelo que lemos: "Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes, e convertei-vos..." (2.13), o que aponta para um autêntico arrependimento, e não para mero cerimonial religioso. A lamentação também é requerida (1.14; 2.15). Os sacerdotes deveriam tomar a liderança, conclamando o povo ao arrependimento e à retidão de vida; porém, somente uma conversão genuína será capaz de salvar, no dia da tribulação (2.12-17). Deus é misericordioso com os penitentes (2.14).

O estilo de Joel é dramático e prende a atenção do leitor. Os processos da natureza, bem como aqueles provocados pelos homens, estão sob o controle de Deus, de tal modo que, em todas as vicissitudes da vida, a nossa responsabilidade primária é diante de Deus. O juízo divino não consiste em mera vingança. Antes, é um meio de produzir o bem, visando especificamente esse bem, embora precise preencher o seu ofício retributivo. A salvação é prometida aos humildes e aos arrependidos. É interessante observar que Pedro, ao empregar as predições de Joel, convocou o povo judeu a arrepender-se.

Se procurarmos por duas contribuições distintivas do livro de Joel, poderemos apontar para sua ênfase sobre o Dia do Senhor e sobre o derramamento do Espírito Santo sobre todo o povo de Deus. O Novo Testamento ensina-nos que o cumprimento primário dessas predições se deu no dia de *Pentecostes* (ver a respeito no *Dicionário*), dez dias após a ascensão do Senhor Jesus, conforme se vê no segundo capítulo do livro de Atos. Mas o cumprimento maior espera pelo próprio *Dia do Senhor* (ver também a respeito no *Dicionário*), aquela série de acontecimentos que culminará com o segundo advento de Cristo e o estabelecimento do reino milenar de nosso Senhor, Jesus Cristo.

II. Joel e a Autoria do Livro de Joel

1. *Joel.* Praticamente nada conhecemos a respeito de Joel, e as próprias tradições não nos ajudam muito. Sabemos que ele atuou como profeta no reino do sul, Judá, e que seu livro era listado como o segundo dos profetas menores. O nome de seu pai era Petuel (Joel 1.1; Atos 2.16). Ele vivia em Judá, talvez em Jerusalém. A data de seu ministério é disputada. Alguns o situam tão cedo quanto 800 A.C., pelo que ele seria contemporâneo do rei Uzias e de profetas como Amós e Isaías, tendo talvez até conhecido Elias e Eliseu. A obscuridade de Joel tem mesmo feito alguns eruditos opinar que sua realidade histórica é duvidosa.
2. *Autoria.* Temos aqui um problema de integridade. Em outras palavras, uma pessoa só escreveu o livro inteiro, ou, em sua forma presente, o livro é uma compilação? Isso é mais bem tratado na primeira seção, *Caracterização Geral.*

III. Data

As datas atribuídas ao livro de Joel variam muito. Alguns o situam pouco depois da divisão de Israel em dois reinos: Israel e Judá,

ou seja, algum tempo depois de 932 A.C. Outros pensam que Joel escreveu no tempo de Malaquias, em cerca de 400 A.C., ou mesmo mais tarde. Se a praga de gafanhotos teve por intuito advertir, metaforicamente, sobre as invasões assíria e babilônica, com os subseqüentes dois cativeiros, então o livro é de origem pré-exílica, talvez nos dias de Joás, rei de Judá, que reinou em cerca de 835—832 A.C.

Argumentos em Favor da Data Mais Antiga:

1. O estilo e a atitude geral do livro são diferentes dos livros de Ageu, Zacarias e Malaquias, profetas pós-exílicos. Sua linguagem e estilo pertencem mais ao período da literatura clássica dos hebreus.
2. Joel parece paralelo ao livro de Amós, e este último parece ter feito uso de certas idéias de Joel, como Joel 3.16 (em Amós 1.2) e Joel 3.18 (em Amós 9.13).
3. Os adversários de Israel, no livro de Joel, são os fenícios, filisteus, egípcios e idumeus (3.4), e não os assírios e babilônios, que assediaram Israel e Judá bem mais tarde.
4. A posição de Joel, como o segundo livro da lista dos profetas menores (embora quarto, na Septuaginta), indica uma data mais antiga do livro.
5. Joel 1.1—2.7 é similar às profecias de Jeremias, sobretudo as de Isaías (4.2,3).
6. Joel não faz nenhuma alusão aos assírios e babilônios, o que parece inconcebível caso ele tivesse vivido quando essas potências estavam levantando-se ameaçadoras. Se o cativeiro assírio e o cativeiro babilônico já tivessem ocorrido, é difícil imaginar por que ele não teria tecido nenhum comentário a respeito. E se certos trechos de Joel, de acordo com alguns, seriam referências a esses cativeiros, então deve-se responder que são trechos proféticos preditivos e não históricos, como ocorre Osé. 6.11 e Miq. 1.16.

Argumentos em Favor da Data Mais Recente:

1. Joel 3.1 é uma clara referência ao cativeiro babilônico, se partirmos da idéia de que temos aí um informe histórico, e não uma profecia preditiva.
2. Os eruditos encontram mais de vinte paralelos literários com os profetas posteriores, como Malaquias e Obadias, contradizendo os pontos 2 e 5, anteriores. As fontes informativas que temos investigado não listam esses alegados paralelos, porém devemos supor que eles sejam satisfatórios, para alguns estudiosos, como evidências. Todavia, isso enfraquece bastante o argumento, podendo até mesmo invalidá-lo.
3. A descrição de Joel sobre a adoração religiosa parece refletir um país unido, e não dividido, e isso situaria o livro, quanto ao tempo, após o retorno de Judá do cativeiro babilônico. Não há alusões à adoração idólatra nos lugares altos etc., o que fez parte importante da história de Judá, antes do cativeiro. Nenhuma menção é feita ao reino do norte, provavelmente porque ele não mais existia. Judá, agora, era Israel; as circunstâncias que prevaleciam após o exílio babilônico, assim como o retorno de Judá, transparecem no fato de que "Judá" e "Israel" são nomes usados como sinônimos (2.27; 3.2,16,20).
4. A expressão de Joel, "opróbrio, para que as nações façam escárnio dele" (2.17,19), é típica dos tempos pós-exílicos.
5. Os "muros" referidos em 2.9 talvez sejam as muralhas restauradas por Neemias, em Jerusalém, em 444 A.C.
6. Os gregos são mencionados, mas não como o poder mundial dominante (3.6). O predomínio grego só ocorreu após Alexandre, o Grande (336—323 A.C.).
7. Sidom ainda haveria de ser julgada (3.4), mas isso não aconteceu senão quando Artaxerxes III realizou o julgamento, vendendo os sidônios à escravidão, em cerca de 345 A.C.
8. Várias palavras hebraicas são de uso tardio, como "ministros" (1.9,13; 2.17); "lanças" (2.8); "vanguarda" e "retaguarda" (2.20); o pronome pessoal "eu", que Joel dá como *ani*, mas que o hebraico mais antigo dizia *anoki*. Ver Joel 2.27; 3.10,17.
9. A ênfase escatológica é similar àquela dos profetas posteriores, isto é, Ezequiel, Sofonias, Zacarias e Malaquias.

Datas Anteriores e Posteriores. Alguns estudiosos afirmam que a porção original do livro de Joel reflete o período pré-exílico (1.1—2.27), mas o restante do livro é de origem pós-exílica. Essa teoria poderia explicar os vários argumentos que defendem as datas anteriores e posteriores para o livro.

Na verdade, não há como solucionar o problema da data do livro de Joel, nem a ausência dessa informação prejudica, em sentido algum, a tremenda mensagem divina que o livro nos oferece.

IV. Pano de Fundo Histórico e Propósito

A grande praga de gafanhotos e o julgamento divino, ou dia do juízo, simbolizado por aquela praga, foram o que deu origem a este livro. Grandes pragas de gafanhotos ocorriam periodicamente, no Oriente Próximo, até onde a história é capaz de registrar, pelo que é impossível identificar qualquer praga particular, como aquela mencionada por Joel. Se este livro foi escrito em tempos pré-exílicos, em antecipação ao castigo das nações de Israel e de Judá pelos assírios e babilônios, respectivamente, então esse foi um dos motivos da composição do livro. O motivo imediato dos oráculos de Joel foi o incidente da severa praga de gafanhotos. Todavia, uma coisa não podemos esquecer: Joel antevia um julgamento divino final, no dia do Senhor. E alguns eruditos vinculam as profecias de Joel ao *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*), através da invasão da Palestina por parte de potências gentílicas do norte (Joel 2.1-10). A destruição desses exércitos invasores aparece em Joel 2.11. O arrependimento da nação de Israel, no fim, é visto em Joel 2.12-17. Também há menção à infusão ou derramamento do Espírito, em bases mundiais, em Joel 2.12-17, nos *últimos* dias (o que para nós ainda parece futuro). Todavia, devemos entender que, para Pedro, o início do cristianismo já marcava os "últimos dias" (ver Atos 2.16,17). O retorno do Senhor Jesus ao mundo (a *parousia*; consultar sobre esse termo no *Dicionário*) é visto em Joel 2.30-32, e o recolhimento do disperso povo de Israel, em sua própria terra, em Joel 3.1-16. Em seguida, aparecem as bênçãos do reino milenar (Joel 3.17-21). Quantos desses informes são realmente proféticos, e quanto os cristãos têm lido nessas predições, continuará sendo motivo de debates, até que os acontecimentos preditos realmente aconteçam. Naturalmente, o livro faz do arrependimento a condição *sine qua non* para alguém estar espiritualmente preparado para aqueles momentosos acontecimentos finais.

V. Alguns Pontos Teológicos Distintos do Livro

1. Se admitirmos que o livro de Joel contém predições sobre os últimos dias desta dispensação, então a mensagem dele é crucial para que possamos formar um completo esquema escatológico. "É notável que Joel, tendo surgido no começo mesmo da profecia escrita (836 A.C.), seja o livro que nos fornece a visão mais completa da consumação de toda a profecia escrita" (SCO, *in loc.*) As observações feitas por Joel naturalmente dependem, em grande parte, da data em que o livro foi composto e, em segundo lugar, da aplicação correta das predições em questão. Se Joel só falava sobre uma praga de gafanhotos e sobre a necessidade de Israel se arrepender, em face dessa praga, então o livro é ridiculamente destituído de importância!
2. A posição exclusiva dada à nação de Israel, na economia divina, é muito enfatizada. Joel afunila ainda mais o esboço de sua atenção: somente um remanescente, dentro do povo de Israel, será salvo, e não a casa inteira de Israel (2.32). Naturalmente, essa visão é menos abrangente que a de uma restauração universal de todas as coisas, como a que se vê em Atos 3.20,21 e Efé. 1.9,10. Joel vai até onde Paulo também foi (ver Rom. 11.26), pois ambos acreditavam na conversão final de todos os escolhidos dentre o povo de Israel.

3. O derramamento universal do Espírito Santo aparece em Joel 2.28,29. Os cristãos primitivos aplicavam isso ao Pentecostes e a seus resultados, conforme se vê em Atos 2.16 ss., mas não exclusivamente a eles, porque o restante do Novo Testamento prevê um derramamento muito maior e cabal do Espírito Santo, durante o período da Grande Tribulação, com uma colheita de almas inigualável em toda a história do mundo: "Depois destas cousas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos, e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação" (Apo. 7.9,10).
4. Uma figura messiânica todo-importante não figura no livro de Joel.
5. Joel via claramente como o propósito e as obras de Deus acompanham e influenciam os processos históricos no mundo, uma visão teísta, em contraste com a posição do deísmo. Ver no *Dicionário* sobre o *Teísmo* e sobre *o Deísmo.*
6. O *Dia do Senhor.* "As duas grandes contribuições de Joel à religião bíblica encontram-se em sua ênfase no Dia do Senhor e no derramamento do Espírito de Deus sobre todos os povos" (AM). Quanto a referências sobre o *Dia do Senhor,* ver Joel 1.15; 2.1,11,31; 3.14. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre o *Dia do Senhor.*

VI. Esboço do Conteúdo

I. O Dia do Senhor Exemplificado (1.1-20)
  1. O profeta (1.1)
  2. A praga de gafanhotos (1.2-7)
  3. O arrependimento de um povo aflito (1.8-20)

II. O Dia do Senhor nas Profecias Bíblicas (2.1-32)
  1. Os exércitos invasores (2.1-10)
  2. O exército do Senhor no Armagedom (2.11)
  3. O remanescente penitente (2.18-29)
  4. Sinais da vinda do Senhor (2.30-32)

III. O Julgamento das Nações (3.1-19)
  1. A restauração de Israel (3.1)
  2. O julgamento das nações (3.2,3)
  3. Condenação da Fenícia e da Filístia (3.4-8)
  4. Edom e Egito desolados (3.17-19)

IV. As Bênçãos do Milênio (3.20,21)
  1. Judá é restaurada e perpetuada (3.20)
  2. O Senhor sobre Seu trono, em Sião (3.21)

VII. Bibliografia

AM G HARR I IB PF PU SCO

Ao Leitor

O leitor sério, antes de lançar-se ao estudo deste livro, lerá a *Introdução,* que trata de assuntos importantes como: caracterização geral; Joel e a autoria do livro de Joel; data; pano de fundo histórico; propósitos; alguns pontos teológicos distintos do livro. Os profetas são classificados, cronologicamente, de acordo com o esquema seguinte: pré-exílicos; exílicos e pós-exílicos. Há controvérsia sobre a questão no que diz respeito a Joel, o que discuto amplamente na introdução, seções I e III. Uma poderosa nação (1.6) haveria de atacar. Alguns estudiosos dizem que estão em pauta os assírios, mas outros falam nos babilônios. Certos eruditos, porém, pensam que a referência seja geral e fale de ambos os poderes. A grande praga de gafanhotos (Joel 1.1 - 2.27) pode ser uma metáfora sobre um ou mais povos invasores. Ou então está em foco uma praga literal de gafanhotos, tão gigantesca que ocupou larga porção do livro. Mais provavelmente a praga foi literal, porém tornou-se símbolo de "hordas humanas" em um ataque.

Há certo número de empréstimos ou alusões às mensagens dos profetas que ministram próximo à época do cativeiro babilônico, o que parece situar as profecias de Joel dentro desse período de tempo. A praga de gafanhotos foi tomada como terrível advertência de coisas ainda piores que estavam por vir. Não foi necessário nenhum prodigioso salto mental para reconhecer que o advento do *Dia do Senhor* foi ordenado de antemão por eventos da própria época do profeta. Portanto, Joel 2.28 e 3.21 abordam especificamente essa questão.

Ver o *gráfico* dos profetas de Israel e Judá, apresentado na introdução ao livro de Oséias. Ver também no *Dicionário* os artigos gerais chamados *Profecia, Profetas* e *Dom da Profecia.*

As catástrofes descritas foram, obviamente, concebidas como vindas sobre um povo pecaminoso. A mente dos hebreus não admitia o acaso. Se havia algum sofrimento, é porque havia algum pecado. Essa era uma resposta simplista para o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário* — por que os homens sofrem e por que sofrem como sofrem?). A *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* é uma das respostas para esse problema. Ver sobre esse título no *Dicionário.*

EXPOSIÇÃO

Capítulo Um

A Grande Praga de Gafanhotos e a Seca (1.1 - 2.27)

Sobrescrito (1.1)

1.1

Palavra do Senhor, que foi dirigida a Joel. Nada sabemos, virtualmente, sobre o profeta Joel. Não existem notas históricas que nos digam alguma coisa sobre sua família e sua vida pessoal, nem mesmo sobre as condições de seu ministério. Somos informados que seu pai se chamava Petuel, mas ele é igualmente desconhecido. *Joel* (Yahweh é Deus) é nome comum nas páginas do Antigo Testamento, batizando treze homens diferentes. Ver sobre *Joel* (Não o Profeta). Quanto ao Joel deste livro, ver a seção II da Introdução.

Inspiração divina é reivindicada para as profecias que se seguem. Yahweh revelou coisas importantes a Joel, que Judá tinha de saber. E Joel foi o vaso escolhido para essas revelações. Ele foi um dos *Profetas Menores,* ou seja, daqueles que escreveram menos material que profetas como Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel. Esses quatro são chamados *Profetas Maiores,* por causa da extensão de material que escreveram. Ver no *Dicionário* os verbetes chamados *Profetas Maiores* e *Profetas Menores.*

No cânon das Escrituras hebraicas, Joel aparece em segundo lugar. Na Septuaginta, o livro de Joel ocupa o quarto lugar. Na Bíblia hebraica, os capítulos são quatro, mas na Septuaginta há apenas três capítulos. Na Septuaginta são combinados os capítulos 2 e 3. Foi esse o esquema seguido pelas versões subseqüentes. Os eruditos judeus chamavam os Profetas Menores de *Livro dos Doze* e, nos rolos, eles são agrupados formando um único volume.

Lamentação Geral por Causa da Praga de Gafanhotos e da Seca (1.2-20)

1.2

Ouvi isto, vós, velhos. O profeta Joel apelou para todos quantos viviam na Terra Prometida (Judá) e pediu que eles percebessem o caráter *ímpar* do desastre (vs. 2) que lhes tinha sobrevindo — a grande praga dos gafanhotos. E passou a fazê-los entender que a praga simbolizava algo muito pior que estava vindo contra eles, por causa da sua idolatria-adultério-apostasia. Os gafanhotos tinham varrido a Terra Prometida, destruindo toda a vegetação visível. A agricultura estava arruinada, a seca tinha chegado, e o povo morria de fome. Esse desastre falava do ataque dos babilônios (alguns eruditos, porém, falam dos assírios e babilônios) e, dali, deu um salto para o Dia do Senhor, no fim da atual história humana. Estão em foco os *idosos,* os anciãos e os líderes. Eram esses os que deviam prestar atenção ao que havia acontecido, pois era responsabilidade deles dirigir a nação naquele período de crise. "A introdução [ao livro de Joel] aponta para a natureza espantosa do portento: não tinha exemplo anterior; foi causa de grande consternação; seria relembrado em muitos comentários admirados subseqüentes; nesse portento tornava-se evidente a mão de Deus" (Ellicott, *in loc.*). Não obstante, simbolizava coisas muito piores que estavam perto de ocorrer.

Quanto aos "anciãos" como figuras-chaves no sistema governamental e judicial de Israel-Judá, ver I Sam. 30.26-31; II Sam. 19.11-15; II Reis 23.1; Pro. 31.23; Jer. 26.17 e Lam. 5.12,14.

1.3

Narrai isto a vossos filhos. As pessoas de mais idade em Judá contariam o "fenômeno" a seus filhos; então estes contariam esses sucessos a seus filhos etc., de modo que todas as gerações subseqüentes saberiam da questão e dela derivariam instruções. Havia em tudo aqui terrível *magnitude,* que jamais poderia ser esquecida. Ver no *Dicionário* o artigo detalhado e informativo intitulado *Praga de Gafanhotos,* que serve de ilustração.

"Tanto no vs. 3 como no vs. 4, foi feito uso da *anadiplose,* ou seja, a repetição da última palavra de uma cláusula no começo da cláusula seguinte, para transmitir a sucessão de gerações no vs. 3, e os enxames e mais enxames de gafanhotos no vs. 4" (John A. Thompson, *in loc.*).

"As Escrituras reconhecem com total seriedade a realidade do mal. O abismo entre o desespero e a fé não é ultrapassado mediante a ignorância dos fatos sombrios da vida humana. Esse abismo só é vencido quando as tribulações da humanidade são vistas, antes de tudo, como conseqüência da queda humana" (Norman F. Langford, *in loc.*). Naturalmente, o *Problema do Mal* (ver a respeito no *Dicionário*) não é assim tão facilmente solucionado. Por que os homens sofrem, e por que sofrem como sofrem? Ver a discussão sobre isso no artigo mencionado.

1.4

O que deixou o gafanhoto cortador comeu-o o gafanhoto migrador. "Os eruditos têm procurado combinar as interpretações literal e apocalíptica sobre os gafanhotos. O Joel original, de conformidade com Bewer, descrevia gafanhotos literais, mas um editor posterior os interpretou como exércitos escatológicos e agentes do julgamento. R. H. Pfeiffer vê insetos literais neste primeiro capítulo do livro, mas como criaturas apocalípticas em alguns elementos do capítulo 2. É verdade que algumas frases escatológicas são usadas para apontar os julgamentos infligidos pelos gafanhotos, mas os próprio gafanhotos, no capítulo 2, podem ser interpretados como insetos literais, pintados com vívidas comparações e exageros poéticos" (John A. Thompson, na *Introdução* ao livro). Mas note os leitor que bem no trecho de Joel 1.6 temos a idéia projetada de que uma *nação invasora* é retratada pelos gafanhotos invasores. Alguns estudiosos, entretanto, insistem que a palavra "povo" ali empregada significa os gafanhotos, e não um exército de homens.

O Antigo Testamento tem nove vocábulos para denominar os "gafanhotos", e o vs. 4 deste capítulo contém *quatro* desses termos. Mediante tão grande variedade no vocabulário, o profeta projetou um quadro espantoso sobre a praga: ela seria maciça e variegada.

Temos neste versículo os seguintes termos hebraicos: *gazam* (o gafanhoto cortador); *'arbeh* (o gafanhoto migrador, que fala de seu vasto poder de destruição); *yeleq* (o gafanhoto devorador) e *hasil* (o gafanhoto destruidor). Talvez esses nomes também indiquem os *quatro estágios* da vida de um gafanhoto, a saber, o estágio da larva; o estágio do gafanhoto voador adulto; o gafanhoto que depositava ovos para aumentar a multidão dos gafanhotos; e, novamente, o estágio larval, que renova o temível ciclo da vida de um gafanhoto. Mas alguns problemas acompanham essa interpretação, a qual parece ser um exagerado refinamento do texto. Outro refinamento exagerado é o que vê o número *quatro* como referência às quatro invasões estrangeiras de Israel, a dos assírios, a dos babilônios, a dos macedônios e a dos romanos. A multiplicação de termos enfatiza a temível e devastadora natureza da praga. Cumpre-nos entender que esse desastre sucedeu por causa do pecado. A mente dos hebreus não admitia coisa alguma causada pelo mero acaso. Ver as notas expositivas sobre o vs. 11.

1.5

Ébrios, despertai-vos, e chorai. Alguns judeus dormiam quando o desastre os atingiu; outros estavam embriagados. O profeta os convidou a despertar e chorar a fim de contemplarem o que estava acontecendo e uivarem em desespero. A praga de gafanhotos destruiu eficazmente toda a agricultura, de modo que não havia mais uvas para o fabrico do vinho, e os beberrões morreriam de sede. Mas todo o povo de Judá passaria fome. O vinho em excesso foi cortado, mas também foi cortada toda a origem da própria vida. Os intemperados seriam os primeiros a queixar-se de que o prazer deles lhes fora arrebatado, mas o país inteiro pôs-se subitamente a lamentar. Até o próprio *mosto* (o vinho novo, que ainda não havia fermentado devidamente) se perderia, e todo o vinho antigo que tivesse sido guardado em breve seria consumido. Em 1915, uma praga de gafanhotos fez dobrar o preço do vinho na Palestina ("Jerusalem's Locust Plague", *National Geographic Magazine,* John D. Whiting, XXVIII, 1915), mas a praga dos dias de Joel parou a própria compra do vinho, pois nada havia a ser comprado. "... é um fato bem conhecido que a ruína das vinhas, por parte dos gafanhotos, impede a vindima por vários anos subseqüentes" (Adam Clarke, *in loc.*).

1.6

Porque veio um povo contra a minha terra. Poderíamos ter aqui várias coisas, conforme se vê nos pontos seguintes:

1. Um uso metafórico, onde a invasão dos gafanhotos é comparada a um povo, devido a seu grande número.
2. Ou pode estar em vista um uso literal: os gafanhotos eram tão numerosos que sua invasão se comparava a um grande exército, enviado por um povo poderoso.
3. Ou as duas coisas podem estar em vista: o enxame literal dos gafanhotos simbolizada a invasão dos babilônios, que se daria ainda no futuro.

O uso se repete em Joel 2.2, com as mesmas possibilidades de interpretação. As hordas eram fortes e compunham um exército numerosíssimo. Ver Joel 2.2,5,11. A força deles se traduzia sob a forma de atos destruidores, pois seus dentes eram como os dos leões. Entre seus dentes estavam as presas dos leões, que aumentavam seu temível poder de destruição. Certa praga de gafanhotos ocorrida no mar Vermelho foi calculada em mais de 20 bilhões de insetos. O artigo *Praga de Gafanhotos,* no *Dicionário,* ilustra a questão com detalhes interessantes. Cf. este versículo com Apo. 10.8, onde encontramos a mesma metáfora. É provável que Plínio estivesse exagerando ao se queixar de que grande massa de gafanhotos chegou a roer as ombreiras das portas. Cf. Pro. 30.25,26, onde as *formigas* e os *arganazes* são comparados a "povos".

PROFETAS MAIORES

Alguns estudiosos têm objetado a chamarem-se os profetas de maiores e menores, como se isso exaltasse a alguns e aviltasse a outros. No entanto, esses adjetivos tencionam indicar somente o volume de suas produções literárias. Tradicionalmente, os profetas maiores são Isaías, Jeremias e Ezequiel. A expressão não diz respeito à qualidade de suas obras, como se maiores significasse melhores, e menores, piores. Os estudiosos liberais salientam que esses termos são artificiais, porquanto o livro de Isaías (segundo pensam) seria uma obra composta por vários autores, enquanto a qualidade do livro de Ezequiel não pode comparar-se com a daqueles outros profetas.

PROFETAS MENORES

Esta classificação cabe aos doze livros proféticos relativamente pequenos que fazem parte do Antigo Testamento. O fato de eles serem chamados menores não significa que os seus autores tenham sido homens de importância secundária, mas apenas que os rolos que deixaram escritos não são muito volumosos. Os doze livros dos Profetas Menores são: Amós, Oséias, Miquéias, Sofonias, Naum, Habacuque, Ageu, Zacarias, Obadias, Malaquias, Joel e Jonas. Os estudiosos judeus deram um título alternativo a essa coletânea: Livro dos Doze. Na forma de rolos, geralmente, eles eram escritos em um único volume.

CRONOLOGIA DOS PROFETAS MENORES

	Uma Interpretação	Outra Interpretação
Joel	837-800 A.C.	430 A.C.
Jonas	825-782 A.C.	450 A.C.
Amós	810-785 A.C.	750 A.C.
Oséias	782-725 A.C.	750 A.C.
Miquéias	740-695 A.C.	700 A.C.
Naum	640-630 A.C.	620 A.C.
Sofonias	640-610 A.C.	650 A.C.
Habacuque	609-598 A.C.	600 A.C.
Obadias	586-583 A.C.	440 A.C.
Ageu	520 A.C.	500 A.C.
Zacarias	520-518 A.C.	500 A.C.
Malaquias	433-425 A.C.	400 A.C.

Observações: 1. As datas de diversos destes livros são disputadas. 2. Ver as Introduções de cada um, onde apresento discurso sobre os problemas envolvidos.

1.7

Fez da minha vide uma assolação. Aqueles insetos *ferozes e vorazes* nada poupavam, desfolhando as vinhas e tornando-as inúteis; rachando as figueiras e deixando-as infrutíferas; e até expondo o branco por baixo da casca. A marcha da destruição é em favor da sobrevivência, porquanto o número dos insetos aumentara de tal maneira que "invasões estrangeiras" se tornaram necessárias. Mas o que é vida para os gafanhotos, é morte para os homens, plantas e animais. "As vinhas e figueiras, as plantas frutíferas mais comuns na Palestina, eram freqüentemente mencionadas nessa ordem nas páginas da Bíblia. Cf. Osé. 2.12. Fotografias tiradas na Palestina, em 1915, mostram as vinhas e as figueiras desnudadas de folhas e do cerne branco (ver o artigo sobre isso, identificado no vs. 5). Durante tais pragas, algumas figueiras são desnudadas de sua cobertura externa, pois os gafanhotos roem as pequenas gavinhas, espalhando pedacinhos de cerne branco no chão. Note o leitor que é usada a aliteração no começo de ambas as linhas do versículo: *sam... leshammah,* 'foi deixada assolada'; e *hasoph hasaphah,* 'foi desnudada'" (John A. Thompson, *in loc.*).

Minha vide. Assim falou Yahweh porque Israel-Judá era Sua possessão, Sua herança e Seu povo. Ele tinha chamado seu filho para fora do Egito (ver Êxo. 4.22,23). Ver também Deu. 7.26,29.

1.8

Lamenta como a virgem. A dama continuava virgem, porque o homem de quem eia ficou noiva foi morto ou morreu de alguma enfermidades, e eles não puderam casar-se. Por isso ela se cobriu de *pano de saco* (ver a respeito no *Dicionário*), uma veste apropriada para seu estado de lamentação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Lamentação,* quanto a costumes sobre essa questão. israel-Judá sob sentido algum era uma virgem, pois estava cheio de pecados e corrupções. Mas eles tiveram de lamentar de maneira profunda, *como faz uma virgem,* quando privada de seu marido potencial, mediante algum acontecimento ridículo. Quanto ao *pano de saco,* ver também o vs. 13 deste capítulo, bem como Amós 8.10. As leis dos hebreus consideravam uma mulher noiva como uma esposa, pois, naqueles dias, os noivados inevitavelmente levavam ao casamento, a menos que algo de drástico interviesse. Ver Deu. 22.23,24 e Mat. 1.19. Os noivados eram obrigatórios pela lei de Moisés, o que hoje em dia, como é óbvio, não acontece, na maioria dos lugares. Para fazer a ilustração tornar-se mais exata, Ellicott, *in loc.,* viu essa virgem perder o marido potencial mediante a má conduta, ficando assim *privada* do que lhe pertencia por direito.

A virgem. No hebraico a palavra correspondente é *bethulah,* que seria mais bem traduzida (de acordo com pessoas que supostamente conhecem o hebraico) por "mulher jovem". Nesse caso, a dama em questão já se tinha casado, mas perdera o jovem marido, um acontecimento terrível só de contar, quanto mais na experiência diária. O termo hebraico *bethulah* vem de uma palavra que significa "separada", provavelmente referindo-se à reclusão em que vivia uma mulher solteira, a qual, segundo se esperava, devia ser virgem. Mas a palavra hebraica pode significar "virgem", "mulher jovem", "donzela" ou "noiva".

1.9

Cortada está da casa do Senhor a oferta de manjares e a libação. A fome que se seguiu à praga dos gafanhotos foi tão severa que as oferendas diárias (pela manhã e à tarde) e até as ofertas de cereais tiveram de ser suspensas, por causa da escassez de produtos vegetais e animais. Rituais regulares no templo eram importantes para Joel e seus contemporâneos, e os sacerdotes que efetuavam as cerimônias começaram a lamentar. A "casa do Senhor" foi fechada, para consternação de todos. I Macabeus 1.20-64 diz-nos como os judeus piedosos se horrorizaram diante da ordem de Antíoco Epifânio para serem suspensos os sacrifícios, no ano de 168 A. C. A mesma coisa aconteceu novamente no ano 70 D. C., quando os romanos atacaram a cidade de Jerusalém, conforme Josefo diz em *Guerras dos Judeus* VI.2.1. O presente versículo pode antecipar a violenta suspensão dos sacrifícios e ordenanças causada pelo ataque e subseqüente cativeiro dos babilônios.

1.10

O campo está assolado, e a terra de luto. Este versículo continua os detalhes sobre como a praga de gafanhotos causou a suspensão do sistema de sacrifícios no templo. Os sacrifícios diários eram realizados com duas ovelhas acompanhadas pelas ofertas de cereal e pelas libações de azeite e vinho (ver Êxo. 29.38-42; Núm. 28.3-8). Todos esses produtos tornaram-se escassos, e o povo estava morrendo. As ordenanças regulares do templo foram descontinuadas porque não havia mais o bastante para comer e permanecer vivo, quanto menos para sacrificar. O uso das palavras "secar-se" e "murchar" (vss. 10,12,17,20) indica que a praga maldita ou surgiu em cena com uma seca severa, ou foi seguida por uma seca severa pouco tempo depois. Note o leitor a aliteração existente na frase "o campo está assolado" (no hebraico, *shuddadh sadeheh).* Os principais produtos agrícolas eram o cereal, o vinho e o azeite, geralmente são listados nessa ordem no Antigo Testamento. Ver Deu. 7.13. Em 1845, uma praga de gafanhotos atacou o Líbano, e uma testemunha ocular do evento escreveu: "Vi, debaixo de meus olhos, não somente uma grande vinha, tão recentemente carregada de uvas, mas também inteiros campos de trigo desaparecerem como mágica" (W. M. Thompson, *The Land and the Book,* pág. 418).

As oferendas de cereais continham farinha de trigo e azeite misturados (a *minhah;* Núm. 28.5) e as libações (a *nesek*), incluindo o vinho (ver Êxo. 29.40; Núm. 28.7). Ver no *Dicionário* o detalhado artigo chamado *Sacrifícios e Ofertas.*

1.11

Envergonhai-vos, lavradores, uivai, vinhateiros. Os que cuidavam do solo recebem ordens para sentir-se confundidos e lamentar. Desaparecera da terra o cereal, não somente o trigo, mas também até a humilde cevada, consumida por pessoas de classes mais pobres e pelos animais. A *mente judaica* piedosa teria atribuído tal catástrofe aos pecados do povo. Para eles, nada acontecia por mero acaso, e Yahweh era o controlador das atividades dos homens, pois governava sobre coisas boas e coisas más. O *teísmo* bíblico (ver a respeito no *Dicionário*) ensina que o Criador continua presente com Sua criação, recompensando ou punindo, operando em consonância com a lei moral, intervindo quando as condições requerem Sua presença. Em contraste, o *deísmo* (ver também no *Dicionário*) ensina que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver também, no *Dicionário,* o verbete chamado *Soberania de Deus.*

Este versículo contém um jogo de palavras: os lavradores (no hebraico, *hobhish*) são confundidos ou envergonhados porque o azeite se *ressecara* (vs. 10, onde é usada uma palavra quase igual, *hobhish*). E a palavra "envergonhar-se" quase certamente implica que o pecado era concebido como a causa da calamidade. A alegria da colheita se havia perdido. Ver Sal. 4.7. Ver também Sal. 104.15 quanto ao vinho que alegra o coração dos homens e quanto ao azeite que faz o rosto deles brilhar. Ambas as necessidades e deleites se haviam perdido.

1.12

A vide se secou, a figueira se murchou. Além das plantas e árvores que produziam os principais produtos (como a oliveira), outras espécies vegetais, de importância secundária, como a figueira, a romeira, a palmeira, a macieira e quaisquer outras que o leitor possa imaginar, foram igualmente aniquiladas. Isso quer dizer que o povo de Judá não podia, igualmente, apelar para esses produtos secundários. A devastação tinha sido *generalizada,* tal como os pecados do povo eram generalizados. A alegria do bem-estar tinha chegado ao fim, e agora, em lugar disso, havia simplesmente a luta pela sobrevivência. Israel sempre foi, essencialmente, uma nação agrícola, mesmo em tempos de abundância, pelo que aquilo que afetara os produtos da terra, afetou radicalmente, por semelhante modo, toda a vida da nação. As riquezas do mar tinham sido, em sua maior parte, negligenciadas pelos judeus, que era um povo que vivia à beira-mar, mas não um povo marítimo. Havia negócios, mas em sua maior parte baseados em produtos agrícolas. A colheita era um tempo de regozijo. Agora, porém, não havia nem colheita nem alegria. O castigo nacional fustigara a nação de Judá.

A palavra "secar" mostra que a seca tinha ocorrido antes da praga de gafanhotos ou pouco depois. Ver as notas expositivas sobre o vs. 10.

1.13

Cingi-vos de pano de saco e lamentai, sacerdotes. O sistema de sacrifícios tinha falhado no templo. O sacerdócio e seus auxiliares receberam a recomendação de lamentar por esse motivo, vestindo-se de *pano de saco* e realizando outros atos que demonstrassem a tristeza deles. Eles deveriam manter-se acordados a noite inteira, em lamentação e choro. Nenhum tipo de oferenda poderia ser feita a Yahweh, nem os sacrifícios de animais ou as oferendas de cereais que acompanhavam aqueles sacrifícios, e nem mesmo as libações de vinho. Este versículo, pois, repete a mensagem do vs. 9, com exceção de que agora o sacerdócio é especificamente mencionado. Devemos entender, pelo destaque dado aos sacerdotes, que eles foram os líderes no pecado, além de serem os líderes do culto. A mente dos hebreus não teria aceitado tais calamidades como se tudo fosse obra do acaso. Tinha de haver razões divinas por trás daquilo tudo. A lei moral de Yahweh os pesara na balança, e os achara em falta. Ver as notas expositivas sobre o vs. 11.

"Não há distinção de pessoas quando o julgamento sobrevêm à humanidade. O indivíduo respeitável sofre juntamente com aquele que é abertamente culpado. As pessoas simples perecem juntamente com aqueles que são justificados. Cada indivíduo é conclamado a participar do castigo coletivo das nações, e os indivíduos não podem esperar ser exceções" (Norman F. Langford, *in loc.*). Por que os

homens sofrem, e por que sofrem conforme sofrem? Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Problema do Mal,* que discute essa questão.

Uma *resposta comum* ao problema do sofrimento é que os homens colhem aquilo que semeiam (ver Gál. 6.7,8). Essa é uma das respostas, mas apenas uma abordagem do problema, porquanto existem muitos exemplos notáveis de sofrimentos que parecem ser caóticos, e não mera vingança ou retribuição justa. O livro de Jó ilustra o fato de que existem mistérios na questão do sofrimento, e que a lei da colheita segundo a semeadura não dá um quatro completo do problema. Os que acreditam na teoria da reencarnação espalham a semeadura e a colheita ao longo de muitas vidas, mas isso também não soluciona o problema, embora seja uma interessante extensão da idéia de "obter o que se deu". Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* o detalhado artigo chamado *Reencarnação.* Dizer-se "a vontade de Deus" é uma resposta verdadeira para o problema do sofrimento, mas uma declaração geral demais para servir de solução. Então destacamos que os homens continuam vivos após a morte, e isso realmente ajuda a suavizar o problema, posto que não nos fornece luz alguma sobre casos particulares de sofrimentos que parecem ultrapassar qualquer razão e rima.

1.14

Promulgai um santo jejum. Um clamor dirigido a Yahweh, em solene assembléia, onde todos estivessem jejuando, com a presença dos anciãos e representantes de todas as classes de pessoas, seria uma tentativa de fazer Yahweh intervir e ajudar Seu povo a continuar vivo. Esperava-se que assim a praga e a seca fossem descontinuadas. O jejum era sinal de penitência nacional (ver I Sam. 7.6). Algumas vezes, as calamidades são advertências nacionais que dizem: "Coisas piores vêm aí" (ver Amós 4.6-9). Ver no *Dicionário* o artigo intitulado *Jejum,* quanto a detalhes. Telhas esmaltadas, encontradas em Assur, que datam dos dias de Sargão II (722 - 705 A. C.), retratam a intercessão feita a uma divindade assíria, para que parasse uma praga de gafanhotos. "O ponto focal de todos os nossos problemas, de acordo com o ponto de vista bíblico, é o pecado humano" (Norman F. Langford, *in loc.*). Ver as notas sobre o vs. 13. Cf. este versículo com Nee. 9.1,2 e Jon. 3.5. As atitudes precisavam ser acompanhadas pelos atos correspondentes (ver Joel 2.12-17). Ver também Joel 2.15 quanto a um paralelo bem próximo.

1.15

Ah! que dia! porque o dia do Senhor está perto. É provável que esteja em aqui foco o escatológico *dia do Senhor,* preanunciado pela calamidade nacional da praga dos gafanhotos e da seca. Pode estar subentendido o cativeiro babilônico como símbolo de coisas piores por vir. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Dia do Senhor* e *Cativeiro Babilônico.* Cf. este versículo com Joel 2.1,11,31; 3.14; e ver também Amós 5.18,20. Eze. 30.2 é quase idêntico, e Sof. 1.7,14 são versículos similares. Note o leitor a aliteração — *koçhodh mishshadday* — "destruição do Destruidor". Driver traduziu isso como "um domínio do Dominador". "Destruição" (no hebraico, *sod*) é palavra relacionada a *sadad* (destruir), que é similar, quanto ao som, a *Sadday* (o Todo-poderoso). Ver Gên. 17.1. A maneira de grafar as palavras varia por meio da transliteração. Ver no *Dicionário* o artigo denominado *Soberania de Deus.*

1.16

Acaso não está destruído o mantimento diante dos vossos olhos? Todo o alimento fora cortado, e isso afetou os rituais da casa de Deus, que era suprida pelos animais usuais do sacrifício, e pelo vinho e pelo cereal, conforme já vimos nos vss. 9-11,13 deste capítulo. Essas calamidades ocorreram diante dos próprios olhos do povo, o que transformou em lamentação a alegria e o regozijo. Os sacrifícios e as festividades eram dias de alegria (ver Deu. 12.7). Por ocasião da apresentação das primícias (ver Deu. 26.10), ou na festa das semanas (ver Deu. 16.11), ou na festa dos tabernáculos (ver Deu. 16.14,15), havia regozijo generalizado. Agora generalizada lamentação tomava conta de tudo. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Sacrifícios e Ofertas.* Os vss. 16-18 dão uma descrição detalhada das consequências da praga. A seca, adicionada à praga, quase causou o fim de Judá.

1.17

A semente mirrou debaixo dos seus torrões. Este versículo fala em seca. A semente mirra por falta de água. Os torrões tornam-se secos e impenetráveis. Mas os armazéns ficam desolados porque não há colheitas; os silos se arruinam porque não há cereal para enchê-los. Por isso acabam em mau estado e negligenciados. A Septuaginta também fala na consternação dos animais domesticados, em que "as novilhas saltam em seus estábulos"; mas essa tradução depende de emendas que não são convincentes. O vs. 18 fala sobre a inquietude dos animais domesticados. A podridão substitui a germinação, pelo que "desolação" era a palavra do dia.

1.18

Como geme o gado! Os *animais domesticados,* como o gado vacum, ovino e caprino, animais comumente usados nos sacrifícios e considerados *limpos* (portanto, próprios para consumo), estavam morrendo de fome, perplexos e gemendo, para então se deitarem e morrerem. Eles vagueavam, procurando água e pastagem e, não achando nada, deitavam-se para esperar o fim. Os animais, parte da criação de Deus, compartilhavam da sorte dos homens, um ponto de vista bíblico comum acerca de toda a natureza, tanto nas bênçãos como nas maldições (ver Gên. 3.17,18; Sof. 1.2,3; Jer. 12.4). Esse é um ponto de vista bíblico que tem ganhado muito terreno no pensamento moderno, em que o ecossistema é tão importante. A *ecologia* é a divisão da biologia que aborda as relações entre os organismos e seu meio ambiente. O grego por trás dessa palavra é *oikos,* "casa", e *logia,* "estudo".

1.19

O fogo consumiu... a chama abrasou... *Fogo* e *chamas* são metáforas comuns para indicar a seca severa e o calor (ver Jer. 9.10; Amós 7.4), mas nos tempos de seca incêndios literais tornam-se comuns. A terra ficava escorchada e transformava-se em um deserto. O povo estava acostumado a usar o fogo para tentar destruir os gafanhotos, mas, conforme geralmente acontece, o fogo se transformou em um incêndio fora de controle. Tanto o ataque do exército babilônico como o Dia do Senhor podem ser antecipados por meio dessas descrições.

1.20

Também todos os animais do campo bramam. Até os animais do campo oram a Yahweh, quando estão aflitos. Os rios haviam secado; os poços, idem; não caíam chuvas; não havia orvalho durante a noite; os pastos do campo estavam totalmente destruídos. O *oceano* é a fonte de toda a *água.* Essa água se deposita nos lagos, nos rios e nas fontes, mas a menos que venham nuvens do oceano os mananciais de água não serão renovados. O sol faz evaporar a água dos oceanos; e assim se formam as nuvens; os ventos impelem essas nuvens por toda a terra; outras forças naturais, incluindo a gravidade, fazem a água cair do céu à terra. Em tempos de seca, os sistemas da natureza desmoronam e isso torna os homens e os animais, bem como toda a vegetação, vítimas de um sol sem misericórdia que queima e não traz água do oceano para a formação de nuvens. O pecado perturba os sistemas da natureza, pelo que a oração é concebida como o modo de trazer chuvas. Yahweh é o Poder por trás dos sistemas da natureza, transformando o mal em bem. Até as feras buscam alívio da parte de Deus (ver Sal. 104.21). Cf. Jer. 14.5,6. A maior parte das correntes de águas da Palestina se seca periodicamente. Mas em tempos de seca severa, até os rios que usualmente são permanentes o ano inteiro tornam-se rios sazonais.

Capítulo Dois

A Praga dos Gafanhotos Avisa sobre o Dia do Senhor (2.1-11)

Essa *praga* é uma *ameaça sobre três pontos:* 1. A praga literal dos gafanhotos; 2. uma previsão sobre o ataque dos babilônios e sobre o cativeiro conseqüente; 3. uma advertência sobre o escatológico Dia do Senhor, que é o assunto principal da seção à nossa frente. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Dia do Senhor,* quanto a detalhes. Os profetas de Deus sempre retrataram o Dia do Senhor como uma data não muito distante e seguindo julgamentos menos intensos, sem nenhum grande intervalo de tempo.

"Se o capítulo 1 salienta a destruição causada pelos gafanhotos, esta seção dá maior atenção à descrição dos próprios gafanhotos. No capítulo 1, o sofrimento é principalmente agrícola e pastoral. Agora, porém, a cidade é atacada. Essa é a usual sucessão de eventos que se segue a uma praga de gafanhotos. O aviso escatológico, que já havia soado em Joel 1.15, é por diversas vezes repetido (ver Joel 2.1,2,10,11)" (John A. Thompson, *in loc.*).

2.1

Tocai a trombeta em Sião. Os sacerdotes de Israel foram orientados a soprar a trombeta de aviso em Sião, o quartel-general do yahwismo. As colinas em derredor deveriam ouvir o alarma e a palavra soaria por todo o país. Os habitantes estremeceriam diante da mensagem trazida pelos ventos. A trombeta como que dizia, claramente: "O dia do Senhor está chegando. Está próximo". Os gafanhotos eram apenas indicadores preliminares de coisas piores que viriam. A idolatria-adultério-apostasia do povo clamava por uma justa retribuição, e isso não demoraria a acontecer. Por conseguinte, haveria um golpe com três socos: a praga, o ataque do exército babilônico e o Dia do Senhor, o golpe divino escatológico contra toda a humanidade. A visão do profeta condensou todas as três coisas em um único pacote, como se acontecessem todas quase juntas.

Se o exército referido em Joel 2.1-11 é escatológico, então esta seção pode ser comparada a Dan. 11.40 e Zac. 14.2. Ver também Joel 2.20 e 3.9,13.

A trombeta. Esta trombeta era feita de chifre de carneiro, soprada pelo atalaia ou por um sacerdote, a fim de avisar os alarmas. O perigo era anunciado pela trombeta (ver Jer. 4.5,6; Eze. 33.2-6), mas também em ocasiões festivas e feriados. O sonido da trombeta chegaria ao "santo monte" (cf. Sal. 2.6; 3.4; 15.1; 24.3; 78.54; Dan. 9.16,20; Oba. 16; Sof. 3.11). Está em vista o monte do templo de Jerusalém. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Trombeta* e *Sião*, quanto a detalhes.

2.2

Dia de escuridade e densas trevas. Para enfatizar a melancolia da situação, quando vier o grande ataque divino, há *quatro* palavras que são sinônimos virtuais: escuridade, trevas, nuvens e negridão! As trevas se espalharão pelas montanhas como um grande exército destruidor que avança (como uma praga de gafanhotos). Seria como um povo grande e inumerável. Alguns intérpretes continuam a ver aqui o ataque literal dos gafanhotos, mas é melhor ver o múltiplo ataque que menciono na introdução à seção e no vs. 1. Quanto ao poderoso exército, cf. Joel 2.25 e Apo. 9.7-10. Os dispensacionalistas vêem aqui uma menção à batalha do Armagedom; mas interpretações tão específicas podem ser apenas um exagero. Uma grande praga de gafanhotos, com bilhões de criaturas literais, pode apagar o sol, dando um quadro das trevas, como o descrito neste versículo. A alvorada fica escurecida pela massa de gafanhotos que se aproxima, pelo que a noite continua, a despeito do sol que já desponta no horizonte. C. S. Jarvis descreveu o avanço de uma horda de gafanhotos, perto do monte Sinai, como "uma inundação lenta mas constante de um dilúvio escuro" (*Three Deserts*, pág. 223). Ver o artigo do *Dicionário* denominado *Praga de Gafanhotos*, que apresenta abundância de material ilustrativo.

2.3

À frente dele vai fogo devorador. O *fogo devorador* corria à frente das hordas, e quando passava tudo estava em chamas. Antes que as hordas atacassem, o lugar era como o jardim do Éden, mas depois que elas passavam um deserto desolado era tudo quanto restava. Coisa alguma escapava ao ataque, nem homens, nem animais, vegetação alguma. O fogo era adicionado aos gafanhotos e à seca (ver Joel 1.19). Os gafanhotos desnudavam tudo de sua folhagem, e o interior se parecia como se um fogo tivesse crestado tudo, consumindo todas as coisas. Cf. com Gên. 2.8,9, o jardim do Éden em toda a sua glória e frutificação. Mas depois de a praga haver passado por um lugar, o Éden se parecia com um melancólico Sinai. Como é óbvio, o pecado é a razão disso, a Lei de Deus que fora quebrada, enviando assim uma maldição contra o povo. "A realidade por trás dessa figura é o efeito devastador de um enorme exército invasor (ver Deu. 28.49-51; Isa. 1.7; Jer. 5.17...). As palavras "nada lhe escapa" pode aludir a Êxo. 10.5,15" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

2.4

A sua aparência é como a de cavalos. Um gafanhoto efetivamente assemelha-se a um cavalo em miniatura, especialmente a cabeça. Isso se reflete em línguas modernas, como no alemão, *Heupferd*, ou no italiano, *cavaletta*. Além disso, a velocidade dos gafanhotos, seu avanço ordeiro e seu poder de destruição fazem lembrar a ação de um exército no qual os cavalos desempenhavam importante papel nos tempos antigos. O salto de um cavalo é comparado ao salto de um gafanhoto, em Jó 38.20. O trecho de Apo. 9.7 obviamente baseia-se nesta passagem. Os gafanhotos sobrenaturais do tempo do fim são comparados a *cavalos de guerra*. Os escritores árabes identificavam o gafanhoto com *dez* animais diferentes: 1. a cabeça, com o cavalo; 2. os olhos, com o elefante; 3. o pescoço, com o touro; 4. os chifres, com o veado; 5. o peito, com o leão; 6. o ventre, com o escorpião; 7. as asas, com a águia; 8. as coxas, com o camelo; 9. os pés, com a avestruz; 10. a cauda, com a serpente. Isso faz do gafanhoto uma besta realmente temível.

2.5

Estrondeando como carros, vêm. O estrépito das asas dos gafanhotos se parecia com o estrondo produzido pelas rodas de muitas carruagens. Ademais, os gafanhotos são insetos muito vívidos, que saltam sobre as montanhas como as chamas de um incêndio pulam de um arbusto ou árvore para outro, voando por sobre obstáculos, saltando por cima de riachos, sem nunca errar o alvo. Em suma, são como um exército poderoso ordenado para a batalha (vs. 2). As vítimas dos gafanhotos são impotentes diante das hordas. Coisa alguma pode impedir o avanço deles. Cf. Apo. 9.7,9. Os gafanhotos parecem-se com chamas sopradas pelo vento. Eles possuem poder em si mesmos e são impulsionados por um poder que vem atrás deles. Isso se assemelha aos julgamentos de Yahweh, que eles representam.

2.6

Diante deles tremem os povos. As vítimas empalidecem enquanto contemplam, impotentes, o avanço das tropas. Entram em pânico e se angustiam. O observador de um ataque de gafanhotos na Palestina, em 1928, fala do espanto e da angústia de um povo, enquanto observava tudo ser consumido por aqueles insetos em tão breve tempo, deixando para trás total desolação. Foi "um espetáculo terrível ver o avanço devastador e incansável de um imenso enxame de jovens gafanhotos que se arrastavam. As pessoas os enfrentavam com um espírito de desespero e desamparo" (G. E. Brodkin, *The Locust Invasion of Palestine During 1928*).

Cf. este versículo com Isa. 26.17; Jer. 4.31; Miq. 4.10; Êxo. 15.14; Deu. 2.25; Sal. 77.16; 97.4; Isa. 13.8 e Hab. 3.10.

2.7

Correm como valentes, como homens de guerra sobem muros. Os gafanhotos agem como se fossem *guerreiros:* caminham contra o inimigo com temível resolução; escalam muralhas e ultrapassam todos os obstáculos; continuam marchando e não se desviam de suas fileiras. Em 1915, uma testemunha ocular relatou como os gafanhotos subiram pelas muralhas de Jerusalém (ver em Joel 1.5 as referências a *Whiting*, que escreveu um artigo sobre esse evento). Thompson, em sua obra *The Land and the Book* (pág. 416), fornece uma vívida descrição: "O número deles era estonteante; a face inteira da montanha enegreceu com eles. Eles chegaram como se fossem um dilúvio vivo. Cavamos trincheiras e acendemos fogueiras, e batemos neles e os queimamos aos montões. Mas o esforço foi totalmente inútil".

2.8

Não empurram uns aos outros; cada um segue o seu rumo. Os gafanhotos são tão disciplinados que não se empurram uns aos outros, apesar de seu número extraordinário. Cada um deles tem seu próprio caminho para avançar. Cada qual cuida de seus próprios negócios, mas eles são muito unidos em seu único propósito — a destruição. Caem sobre obstáculos como um exército que avança e deve enfrentar inúmeros obstáculos, mas não se fere nem é forçado a estacar. Eles mergulham sobre as defesas e invadem as cidades e os lares. Talvez o capítulo 10 do livro de Êxodo estivesse na mente do autor, quando ele fez esta descrição. Eles se derramam sobre as rochas, paredes, valetas, cercas, riachos e chamas. O *dia* deles é chegado, e eles o aproveitam ao máximo. A sobrevivência deles depende de sua capacidade de vencer qualquer obstáculo.

2.9

Assaltam a cidade, correm pelos muros, sobem às casas. Os gafanhotos chegam saltando e escorregando, correndo ao longo dos topos dos muros, subindo pelas paredes das casas, atravessando janelas como fazem os ladrões, quando revolvem praticar o que é errado. Cf. Isa. 33.4, que compara os gafanhotos e atacantes humanos. Cf. a oitava praga do Egito, em Êxo. 10.6. Whiting (ver Joel 1.5) descreveu como eles entravam até em pequenas fendas nas paredes, janelas e portas. Eles invadiam salas, para espanto das pessoas que estavam no interior das casas. Cf. Jer. 9.21: "Porque a morte subiu pelas nossas janelas, e entrou em nossos palácios".

Afirmou Plínio: "Eles comerão inteiramente qualquer coisa, e até do outro lado das portas das casas" (*História Nat.* 1.11, cap. 29). "Isso vimos ser feito por eles. Não somente voando, mas se arrastando pelas paredes e entrando nas casas pelas janelas" (Teodoreto, *in loc.*).

2.10

Diante deles treme a terra e os céus se abalam. O autor sacro volta-se agora para as *descrições cosmológicas* a fim de aumentar o terror de suas descrições. Tais descrições nos lembram Yahweh, em seus céus, quem era a verdadeira Fonte da angústia, pois Ele estava punindo um povo desviado. O teísmo bíblico ensina que o Criador não abandonou Sua criação, mas antes nela intervém, recompensando e punindo, em consonância com as leis morais. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo*. Gafanhotos em avanço não fazem a terra estremecer, nem escurecem o sol e a lua, nem retiram a luz das estrelas. Os vss. 10 e 11 "dão uma interpretação teológica e escatológica da invasão dos gafanhotos. Alguns elementos baseiam-se nas descrições comuns sobre o dia do Senhor e são aqui transferidos, por analogia, para a praga dos gafanhotos, por ser essa, igualmente, uma visitação divina e um precursor daquele julgamento final" (John A. Thompson, *in loc.*). Ver as descrições sobre as teofanias de Yahweh como guerreiro, em Juí. 5.4; Sal. 18.7; 77.18; Isa. 13.13; Joel 3.16. Quanto ao obscurecimento dos corpos celestes, ver Joel 2.30 e 3.15, e cf. Isa. 13.10; Eze. 32.7; Zac. 14.6,7. "Sinais nos céus serão manifestados no dia do julgamento" (Ellicott, *in loc.*). "... expressões poéticas que salientam a consternação e a agonia *universais*" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.11

O Senhor levanta a sua voz diante do seu exército. Este versículo é uma descrição sobre o *Dia do Senhor* (vs. 1). Yahweh é o General do exército atacante. Ele é quem brada o grito de batalha. O Seu poder está por trás da destruição. Quanto a essa *voz,* cf. Joel 3.16 e Isa. 30.30. Ver também Sal. 18.13 e 68.33. Quanto ao *vento* de Deus, ver Sal. 148.3. O *dia* do julgamento divino será grande e terrível (ver o vs. 31 e Mal. 4.5). Nenhum ser vivo pode resistir (ver Mal. 3.2). A pergunta retórica espera uma resposta negativa: "Quem pode resistir diante do ataque do Senhor? Quem pode sobreviver?". Não haveria sobreviventes. "*Ninguém* é um encerramento apropriado para o relato que se segue sobre o sofrimentos das plantas, dos animais e do povo de ambos os países (capítulo 1) e da cidade (2.1-9)" (John A. Thompson, *in loc.*).

Chamado ao Arrependimento Nacional (2.12-17)

2.12

Convertei-vos a mim de todo o vosso coração. A despeito da natureza drástica da descrição, o arrependimento ainda seria possível e poderia evitar as calamidades profetizadas. A oração é mais forte que a profecia. O arrependimento também é mais forte que a profecia. O *Livro da Oração Comum,* da Igreja Anglicana, emprega essa passagem na celebração da Quarta-feira de Cinzas. E, de fato, trata-se de um pequeno clássico sobre o arrependimento, do ponto de vista do Antigo Testamento. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Arrependimento.*

Deveria haver um coração sincero que foi removido de sua rebeldia por um estado de graça receptiva. Deveria haver os sinais comuns de jejum, choro e lamentação. Aquele que perambulava voltou para casa. Ver sobre *Coração,* em Pro. 4.23 quanto a essa metáfora. Cf. esta passagem com Joel 1.9,13,14. São feitos dois apelos ao arrependimento: vss. 12-14 e vss. 15-17. A sobrevivência e prosperidade subseqüente, material e espiritual, são os principais motivos. Poderia a praga dos gafanhotos ser evitada pelo arrependimento? Poderia, mas não houve arrependimento. Poderia o ataque armado dos babilônios e o cativeiro subseqüente ter sido evitado pelo arrependimento? Poderia, mas não houve arrependimento. Poderia o Dia do Senhor ser evitado mediante o arrependimento? Poderia, mas não haverá arrependimento.

2.13

Rasgai o vosso coração, e não as vossas vestes. O *ato de rasgar as vestes* era sinal comum de arrependimento e/ou consternação. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Vestimentas, Rasgar das.* Mas o rasgar *eficaz* seria o rasgar de um coração contrito. Deve haver um arrependimento que chega ao nível da alma, e que não fica a roçar ao longo da superfície do corpo. A alma precisava "retornar" a *Yahweh-Elohim,* o Deus eterno e Todo-poderoso, pois *Dele* é que Judá se desviara, em sua idolatria-adultério-apostasia. Yahweh está de braços abertos, esperando que o filho pródigo venha a Ele, pois Deus é cheio de misericórdia e amor, e é lento em irar-se. Deus mostra-se abundante em amor constante, e muda de idéia quanto a destruir, quando o pecador se volta para Ele. Quanto ao *arrependimento de Deus,* ver Êxo. 32.14, onde dou notas expositivas sobre essa estranha questão. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Amor,* que é o maior poder do mundo, tanto de hoje quanto de qualquer época. O apelo eloqüente ao arrependimento, no vs. 13, recebe um toque musical na obra *Elias,* de Mendelssohn. Cf. este versículo com Jon. 4.2, que é bastante parecido. Quanto ao *coração contrito,* ver Sal. 51.17. Provavelmente esta passagem depende de Êxo. 34.6.

O Deus irado é facilmente aplacado pelo coração contrito, que o pecador apresenta quando pelo humildemente o perdão de suas ofensas. Ver Jer. 26.3,13,19 e Jon. 3.10. "O homem pode responder à calamidade com o arrependimento, e Deus pode remover graciosamente a aflição. O homem estará tratando com Alguém que sabe como demonstrar misericórdia" (Norman F. Langford, *in loc.*). O julgamento é um dedo da amorosa mão de Deus. Opera o bem, e o bem pode substituir o julgamento. Deus era aquele que tinha julgado, e Ele é aquele que pode remover o julgamento. Ele age em harmonia com Sua lei moral. É isso o que governa a *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). "Uma bondade exuberante é conferida aos que se voltam para Ele" (Adam Clarke, *in loc.*).

2.14

Quem sabe se não se voltará e se arrependerá...? Quando o homem se volta para Deus (vss. 12 e 13), Deus se volta para o homem (Jon. 3.9). Isso levantou a esperança de que as ameaças de calamidade poderiam ser revertidas e de que, quando Deus se voltasse para Judá, o resultado seria uma bênção. O cereal e o vinho seriam novamente produzidos pela provisão de Deus, e assim seriam reiniciados os sacrifícios diários do templo, juntamente com as festividades regulares. Ver esses itens como bênçãos da parte de Deus, em Deu. 7.13. O povo teria abundância de alimentos para comer, e a vida espiritual da nação de Judá se reiniciaria. O passado seria perdoado, à luz de um novo dia. "Quem sabe...?," perguntou o profeta, levando em conta a *Soberania de Deus* (ver a respeito no *Dicionário*). Cf. esse pensamento com II Sam. 12.22 e Jon. 3.9. Havia vívida *esperança* de que as coisas enveredariam por esse caminho (ver Mal. 3.7). Uma volta para melhor, no campo de agricultura, estabeleceria o palco para o fluxo do favor divino. A *maldição* seria descontinuada (ver Deu. 28.38-42). Cf. este versículo com Joel 1.9,13.

2.15

Tocai a trombeta em Sião, promulgai um santo jejum. Este versículo repete, essencialmente, a mensagem do vs. 1, onde ofereço a exposição. Haveria de ocorrer uma mudança devido ao jejum e à assembléia solene através da qual os homens endireitariam sua situação diante de Deus. A trombeta do vs. 1 tinha feito soar o aviso, convocando o povo de Judá ao arrependimento nacional. Isso, por sua vez, repete a mensagem dos vss. 12-13. "Visto que o assaltante não era nem a natureza nem a sorte, havia possibilidade de livramento. Os homens podiam responder à calamidade com o arrependimento, e Deus graciosamente removeria a aflição. Os homens estariam tratando com Alguém que sabia mostrar misericórdia" (Norman F. Langford, *in loc.*). Quanto ao uso da trombeta na convocação das assembléias religiosas, ver Lev. 26.9 e Sal. 81.3. Ver também Núm. 10.2,3 e 8.10. Ver em Joel 1.14 um paralelo bem próximo deste versículo.

2.16

Congregai o povo, santificai a congregação. A *assembléia solene* seria presidida pelos sacerdotes. A convocação fora universal. Os líderes da nação tiveram de fazer-se presentes, e isso era extensível até às crianças. As mães teriam de comparecer com crianças que ainda estivessem mamando. O noivo, que estava isento de certos deveres, incluindo do serviço militar, não poderia ausentar-se (ver Deu. 24.5). Sua noiva também tinha obrigação de fazer-se presente. A *universalidade* da assembléia demonstraria a *sinceridade* do povo, e talvez Yahweh, ao ver essas coisas, revertesse o curso das calamidades.

Saia... a noiva do seu aposento. Isto é, de seu leito nupcial. A raiz hebraica significa "cobertura", uma alusão ao baldaquino que era armado sobre o leito dos recém-casados, para escondê-los da visão daqueles que eventualmente fossem tentados a espiar pelo buraco da fechadura.

2.17

Entre o pórtico e o altar. Ver I Reis 6.3 e II Crô. 4.1. Era o átrio interior dos sacerdotes. Em seus lugares, poder-se-ia encontrá-los a chorar, com o coração contrito, arrependido e buscando a face de Yahweh, na esperança de fazê-Lo mudar de idéia quanto ao julgamento e reverter as calamidades. Quanto ao "arrependimento divino", ver Êxo. 32.14. Certas coisas específicas seriam incluídas em sua oração de arrependimento, a saber: 1. Que os pobres fossem poupados dos terrores das pragas e dos ataques dos estrangeiros. 2. Que a *herança* de Deus não fosse entregue para sofrer os *opróbrios* dos pagãos. Cf. Jer. 24.9 e Sal. 44.13,14. Quanto a Israel como a *herança* de Deus, ver Deu. 4.20; 9.26,29; Sal. 28.9; 33.12; 78.62,71; 79.1; 94.14; Miq. 7.14,18. 3. Que o próprio Yahweh não se tornaria sujeito ao escárnio e às piadas dos pagãos, que diriam: "Onde está o Deus de Israel? Ele deve estar ausente, e nada vê. Ou então, se Deus vê, não cuida de Seu povo". Quanto a esse sentimento, cf. Miq. 7.10 e Sal. 79.10. Se os pagãos viessem a "governar" Israel, então eles blasfemariam de Deus dessa maneira. Portanto, isso teria de ser impedido pelo favor divino, que se seguiria ao arrependimento.

"Não permitas, por amor a Ti mesmo, que os pagãos zombem do Deus de Israel, como se Ele fosse incapaz de salvar o Seu povo. Esse sentimento se derivou de Sal. 79.10 e 115.2" (Fausset, *in loc.*). Note o leitor que é aqui suspensa toda a menção *aos gafanhotos,* e que a invasão por parte dos estrangeiros (especificamente os babilônios) é vista como a tragédia maior. Naturalmente, isso também alonga os olhos para o *Dia do Senhor,* o mais terrível dos dias (ver Joel 2.1).

O altar. "Não está em pauta o altar do incenso, que ficava no lugar santo, mas o altar das ofertas queimadas, onde os sacerdotes se punham para realizar seus serviços. Isso, naquele tempo, foi abandonado, pelo que os sacerdotes usavam seu tempo e seu lugar para se arrependerem e chorarem" (John Gill, *in loc.*).

Promessas do Fim das Calamidades e da Restauração (2.18-27)

2.18

Então o Senhor se mostrou zeloso da sua terra. Yahweh notou aquela assembléia solene (ver Joel 2.15), bem como o arrependimento sincero dos sacerdotes em seu próprio favor e em favor do povo em geral (vs. 17). Portanto, Deus voltou a ser um Deus zeloso e decidiu lutar em favor de Seu

povo. Quanto à idéia de um Deus *zeloso,* ver as notas expositivas sobre Deu. 4.24; 5.9; 6.15 e 32.16,21. "Este versículo marca um ponto importante no argumento do livro de Joel. Descreve a reação divina (vs. 18) ao arrependimento da nação e registra as palavras de consolo do Senhor ao Seu povo (vss. 19-27). Os efeitos da praga de gafanhotos (capítulo 1) são revertidos (ver Joel 2.25) e a invasão ameaçada (ver os vss. 1-11) é suspensa (vs. 20)" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

O Deus de amor e misericórdia demonstrou misericórdia e amor constante ao povo de Judá, vindo ao encontro do filho pródigo, que retornava a ele, pelo caminho, e oferecendo-lhe completa restauração. Os juízos divinos, dedos da amorosa mão de Deus, são restauradores, e não meramente retributivos. Cf. Isa. 65.24.

Temos aqui "a resposta graciosa de Deus, que promete a remissão da praga (vss. 20 e 25); a volta da fertilidade (vss. 19,21-24); e a restauração do pacto (vss. 26 e 27)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando o vs. 18).

2.19

Eis que vos envio o cereal, e o vinho, e o óleo. Os produtos agrícolas que foram destruídos pela praga do gafanhoto e pela seca que a acompanhou seriam restaurados quando Deus voltasse a demonstrar favor para com o Seu povo. Além disso, Ele retirou o *opróbrio* deles entre as nações (vs. 17), porquanto tornar-se-á evidente que Ele estava abençoando o *Seu povo,* a quem exaltara acima de todos os outros.

Note o leitor os três produtos agrícolas básicos que tinham sido destruídos pela praga de gafanhotos e pela seca: o cereal, o vinho e o azeite (cf. Joel 1.10). Os produtos secundários também tinham sido obliterados, conforme somos informados em Joel 1.12. Israel era uma nação agrícola, pelo que esses produtos eram sua linha de vida. Agora não haveria mais vergonha, porquanto eles colheriam o que haviam semeado (vss. 26-27). A provisão era *ampla,* correspondendo ao arrependimento sincero deles (vss. 16-17).

2.20

Mas o exército que vem de norte, eu o removerei para longe de vós. O inimigo do *norte* (a Babilônia; ver Jer. 1.14; 3.18; 6.1 e outros) teria de retornar, impelido pelo mesmo poder que havia restaurado a agricultura. Alguns estudiosos, porém, vêem aqui os gafanhotos, e supõem que um grande vento fora enviado para mandá-los ao deserto. O mar Oriental é o mar Morto, e o mar Ocidental é o mar Mediterrâneo. Os ventos espalhariam as feras por uma vasta área, distantes de áreas férteis. Ver Eze. 47.18 e Deu. 11.24, quanto aos dois mares assim chamados. Jerônimo, comentando sobre este versículo, diz-nos que, em seus dias, uma praga de gafanhotos foi dispersa exatamente dessa maneira, pelos ventos. Whiting, em seu artigo sobre a praga na Palestina, em 1915, diz algo semelhante. Grandes massas de insetos morreram perto do mar Morto, e o mau cheiro, de tão pútrido e vil, era insuportável. Quanto a esse artigo, ver as notas expositivas sobre Joel 1.5.

2.21

Não temas, ó terra, regozija-te e alegra-te. A *convocação para o consolo,* neste versículo, vem de Yahweh, que prometeu grandes coisas e cumpriu Suas promessas. O temor seria substituído pelo regozijo e pela celebração jubilosa. À terra que lamentava seria dado um tempo significativo de triunfo. Yahweh é um Deus que faz *grandes coisas* em favor de Seu povo (cf. Sal. 126.2,3). As grandes coisas são a concessão de condições que revertem a maldição anterior: a agricultura é restaurada; os inimigos de Israel são forçados a retroceder; a reprimenda de Israel entre as nações é eliminada; de modo geral, as misericórdias de Deus tornaram-se um grande tema para o cântico deles.

As misericórdias de Deus! Que tema para meu cântico!
Oh, eu jamais poderia terminar de contá-las.
São mais que as estrelas na cúpula celeste,
Ou que as areias na praia batida pelas ondas do mar.

(T. O. Chisholm)

2.22

Não temais, animais do campo. Os *animais do campo* também participavam da agonia, pois toda a natureza estava unida na calamidade, conforme vemos em Joe. 1.18 e 20. Esses animais podiam parar os seus gemidos e lançar fora o seu temor, pois Deus também cuidará deles, conforme Jon. 4.11 demonstra. Em lugar de um deserto produzido pelos gafanhotos e pela seca, aparecerão pastos verdejantes. E então, uma vez mais, as árvores darão seus frutos apropriados, e tanto os homens como os animais terão acesso a eles. A figueira e a videira voltarão a frutificar, ou seja, os produtos agrícolas primários e secundários serão *novamente* produzidos em abundância. Assim sendo, tudo quanto fora atacado no capítulo 1, é restaurado neste ponto do capítulo 2. O profeta dedicou tempo para enumerar as coisas individuais, nessa restauração, tal como fez ao descrever sua destruição, a fim de mostrar que a restauração divina fora completa, em nada falhando, além de ser abundante, da mesma maneira que a destruição tinha sido total. Encontramos algo semelhante na história do Egito. A estela Tânis do faraó Tarharga (688-663 A. C.) louva os deuses por terem protegido um campo dos ataques dos gafanhotos, de forma que houve grande colheita. Cf. este versículo com Zac. 8.12.

2.23

Alegrai-vos, pois, filhos de Sião. Os *filhos de Sião* (Judá), juntamente com os animais e a vegetação, terão razões para alegrar-se. Yahweh-Elohim (o Deus eterno e Todo-poderoso) é o Benfeitor deles de maneira toda especial. Os gafanhotos tinham sido soprados para longe pelo vento, e então chuvas abundantes chegaram e acabaram com a seca. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Chuvas Anteriores e Posteriores,* quanto a detalhes. As *chuvas* prepararam o solo para o plantio e ajudaram o crescimento das plantas, garantindo uma colheita abundante. As coisas foram assim normalizadas e as calamidades cessaram. As primeira chuvas chegaram para *vindicar* o povo, ou seja, para mostrar que suas esperanças eram justas, que sua confiança em Deus quanto à justificação tinha razão de ser. O arrependimento deles (vss. 16 e 17) estava justificado, e o opróbrio deles entre as nações (vs. 17) fora removido. Diz a tradução da NCV: "Ele fará o que é certo". A NIV tem uma tradução possível, dizendo "retidão", em lugar de "vindicação": "... o outono chove em retidão". O Targum diz: "mestre da retidão", e alguns eruditos pensam que esta é uma referência ao Messias, a fonte das bênçãos de Israel. Outros relacionam essa declaração a um profeta ou mais profetas, mas essa interpretação está fora de lugar neste contexto, embora o termo hebraico *moreh* possa ser assim traduzido. O vocábulo *outono* também pode significar *mestre.* Cf. Sal. 84.6.

2.24

As eiras se encherão de trigo. Os cereais, um produto principal do campo, encheriam as eiras, e o vinho (outro produto principal) encheria os lagares. Essas mercadorias também faziam parte dos sacrifícios e oferendas do templo (Joel 1.9), pelo que seriam restaurados os ritos do templo, diante da normalização da agricultura. "A fome referida em Joel 1.10-12,17 seria substituída, em cada particularidade, pela abundância. Até hoje, na Palestina, os grãos são empilhados ao ar livre, nas eiras, conforme se vê em Rute 3.7. Os *lagares* eram escavados na rocha, para recolher o vinho e o azeite que escorriam das prensas" (John A. Thompson, *in loc.*).

Por misericórdias tão grandes, como poderei agradecer,
Por misericórdias tão constantes e seguras?
Eu O amarei; eu O servirei, com tudo quanto tenho,
Enquanto minha vida perdurar.

(T. O. Chisholm)

2.25

Restituir-vos-ei os anos que foram consumidos. Cf. este versículo com Joel 1.4, onde temos *quatro nomes* aplicados aos gafanhotos, cada qual provendo uma idéia diferente sobre a natureza desses animais ou sobre seus poderes de destruição. Os nomes não aparecem na mesma ordem, mas isso não tem significação. Este versículo sumaria os vss. 19-24. Os efeitos deixados pelos gafanhotos serão completamente revertidos. Yahweh "devolveria" a Israel os anos perdidos na dor, como se isso fosse uma obrigação divina e moral de um pai a seus filhos. Ele enviara a praga, pelo que tinha a obrigação, por Sua própria vontade e propósito, de restaurar tudo quanto havia sido destruído. Essa seria a reação de Yahweh ao arrependimento sincero dos vss. 16-17. "Eu vos devolverei os anos perdidos na tribulação" (NCV). É assim que opera a graça de Deus. Deus se obriga *pelo Seu amor,* e não pela bondade que porventura houver nos homens. Ver no *Dicionário* o artigo *Amor* quanto a úteis citações. Ele enviara um *grande exército* destruidor, pelo que também enviaria uma bênção sem limites.

2.26

Comereis abundantemente e vos fartareis. A fome pertencia ao período de teste. Agora chegara o tempo da abundância. Não haveria falha ou racionamento. Cada indivíduo poderia comer sua rica porção e ficar satisfeito, enquanto antes ele padecia fome. E, por isso, louvaria o nome de *Yahweh,* seu Deus, o Poder (Elohim) que fizera bem todas as coisas.

Por todo o caminho meu Salvador me guia!
Que terei de pedir além disso?
Posso duvidar de Sua terna misericórdia
Que, por toda a minha vida, foi o meu guia?

(Fanny J. Crosby)

Essa tem sido a minha canção através de anos intermináveis — Ele faz bem todas as coisas. O povo desobediente foi envergonhado por causa de seus pecados, e por isso a praga caiu sobre eles, antes de mais nada. E então, uma vez restaurados, eles não terão mais razão para sentir-se envergonhados.

O nome do Senhor vosso Deus. Cf. Deu. 4.35,39. A relação de pacto foi reafirmada. Ver sobre Pacto Abraâmico em Gên. 15.18, e sobre Pacto Mosaico na introdução a Êxo. 19. Cf. Jer. 3.16,17 e Apo. 21.3. Alguns estudiosos pensam que este versículo é escatológico e olham para a era do reino de Deus. Cf. este versículo com Sal. 22.26.

2.27

Sabereis que estou no meio de Israel. Este versículo reforça a idéia principal do vs. 26. Yahweh-Elohim é o Deus universal, mas, para o povo em pacto com Ele, é especialmente Deus, Senhor, Guia e Benfeitor. Para eles não existe nenhum outro Deus (ver Isa. 45.5,6,18). Essa é uma resposta eficaz para as zombarias dos pagãos no vs. 17: "Onde está o seu Deus?". Cf. Êxo. 6.7, onde se originou a expressão deste versículo. Ver também Êxo. 16.12. Quanto ao fato de que não existe outro Deus, ver também Deu. 4.35,39. Tradições e promessas mais antigas foram reafirmadas para o povo do tempo de Joel.

Eis o tabernáculo de Deus com os homens.
Deus habitará com eles. Eles serão povos de
Deus e Deus mesmo estará com eles.

(Apocalipse 21.3)

As Bênçãos Futuras de Israel; o Julgamento das Nações (2.28-3.21)

O Derramamento do Espírito (2.28-29)

2.28

E acontecerá depois que derramarei o meu Espírito. O *grande dia* do Reino de Deus será anunciado pelo derramamento do Espírito e por outros grandes sinais. Se as promessas, no livro de Joel, foram feitas ao povo de Israel, os cristãos não hesitaram em apropriar-se delas, crendo que o Pentecoste foi o cumprimento (pelo menos preliminar) do que é dito aqui. Ver Atos 2.16. Os eruditos supõem que tenhamos aqui uma instância notória de *acomodação* (ver a respeito no *Dicionário*), onde o significado central da profecia é desprezado e aplicado a alguma outra coisa. Pedro expandiu a profecia de Joel para incluir não-judeus (ver Atos 2.39), e isso naturalmente se deve a uma compreensão mais profunda das questões espirituais, derivada das revelações mais elevadas do cristianismo. Nada existe de errado, seja como for, ao vermos *duplo significado* na profecia: um que se aplica à igreja, e outro que se aplica a Israel. Naturalmente, a *humanidade* é beneficiada por essas realidades espirituais, pelo que estas promessas são universais.

"O simbolismo do *derramamento* (ver Eze. 39.29; Isa. 32.15) por nos fazer lembrar da doação de chuvas abundantes (vs. 23). Uma das principais funções do Espírito de Deus é iluminar a profecia, quer se trate de uma declaração estática (ver I Sam. 10.6,10), quer se trate da mensagem de instrução divina, advertência ou predição (ver II Crô. 20.14 e 24.20). Deus promete aqui cumprir o desejo expresso por Moisés no sentido de que todo o povo do Senhor se compusesse de profetas, pela influência do Espírito (ver Núm. 11.29)" (John A. Thompson, *in loc.*).

Vossos filhos e vossas filhas. Esta frase tornou-se parte da discussão, na igreja, a respeito do lugar e da função apropriada das mulheres. Contrastar com I Cor. 14.34. O truque dos filósofos de permitir que as mulheres profetizem, exceto em cultos de adoração formais, não consegue impor nenhuma reconciliação. Nem é importante reconciliar este versículo e Atos 2.16 com o versículo escrito pelo apóstolo Paulo aos coríntios. Quanto a minhas opiniões sobre essa questão, ver a exposição sobre I Cor. 14.34, no *Novo Testamento Interpretado.*

Vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões. No livro de Daniel, os sonhos e as visões espirituais não são distinguidos. Joel dá aos homens idosos uma função profética menor nos sonhos, e aos jovens, mais fortes, visões espirituais. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Sonhos* e *Visões.* Seja como for, o ministério profético é vindicado. Esse ministério tinha duas manifestações válidas, embora, como é óbvio, existam sonhos e visões meramente psíquicos, e não espirituais, e então sonhos e visões que não têm nenhum significado espiritual, embora os homens lhes atribuam grande importância. O natural, o verdadeiro e o falso andam juntos e permitem que um homem de discernimento nos diga quais diferenças existem entre essas três categorias.

"É evidente que o Pentecoste cristão, embora extraordinário, não corresponde plenamente ao que foi predito por Joel" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

Cf. este versículo com Gál. 3.28. Em última análise, a espiritualidade ultrapassa questões de distinção entre os sexos e as raças, embora, ao longo do caminho, costumes culturais possam impedir esse avanço inevitável. Ver as notas expositivas sobre este versículo no *Novo Testamento Interpretado.* O avanço espiritual acompanha o processo histórico. Alguns homens preferem a estagnação, por amor ao conforto mental. Até mesmo no próprio Novo Testamento encontramos o processo histórico em operação, com um correspondente progresso espiritual. O Novo Testamento, entretanto, não tem por finalidade estagnar o processo. A verdade é uma aventura em progresso, e não um código fixo, conforme é a lei de Moisés. Mas os homens continuam tentando contê-lo em suas declarações e credos doutrinários. Credos humanos, declarações doutrinárias e interpretações não podem *aprisionar a verdade.* Como podemos imaginar que o *infinito* possa ser contido e suprimido por nossos credos?

2.29

Até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito. Até os escravos e escravas haverão de profetizar, pelo poder de Deus. O profeta prossegue com essa "falta de distinção" na doutrina, antecipando o sentimento de Gál. 3.28. "Os escravos, que são os mais degradados e desprezados entre os homens, ao se tornarem servos de Deus, são Seus libertos (ver I Cor. 7.22; Gál. 3.28 e Col. 3.16)" (Fausset, *in loc.*). Nem Joel nem Fausset previram o fim da escravidão universal, outra obra do amor de Deus, mas puseram as operações do Espírito *dentro* das fileiras dos escravos. Ver no *Dicionário* o verbete intitulado *Escravo, Escravidão.* Nas sinagogas, um escravo do sexo masculino podia ler a lei em voz alta, mas não uma judia! I Cor. 14.34 é um reflexo histórico dessa espécie de atitude. A espiritualidade ultrapassou tais restrições. Isso não desculpa abusos loucos que são praticados na igreja hoje em dia.

Sinais do Dia do Senhor; o Livramento dos Fiéis (2.30-32)

2.30-31

Mostrarei prodígios no céu e na terra. Nestas palavras, passamos do dia de Pentecoste e entramos no dia escatológico. Esta pequena seção fala sobre os julgamentos que deverão anteceder a era do Reino de Deus e farão parte do Dia do Senhor (ver a respeito no *Dicionário*). Haverá temíveis fenômenos apocalípticos nos céus e na terra. Talvez esses sinais estejam relacionados à *guerra,* onde encontramos sangue, fogo e colunas de fumaça. O mais provável, porém, é que sejam acontecimentos sobrenaturais, conforme se vê no livro de Apocalipse, no Novo Testamento. Os vss. 30-31 também são citados em Atos 2.19-20, mas ali Pedro não tenta interpretar as declarações. Cf. Joel 2.10 e 3.15. Tais fenômenos significarão a condenação dos inimigos de Deus, mas serão medidas necessárias para assegurar o livramento de Seu povo. Ver Mat. 24.29-31; Mar. 13.24-27; Luc. 21.25-28. As coisas ditas sobre o sol e a lua não podem ser literalmente verdadeiras. O sol não se apagará; e a lua não se transformará em sangue; mas mediante tais termos devemos entender acontecimentos cósmicos terríveis. Isso nos faz relembrar das pragas do Egito, mas algo ainda mais radical do que aquilo deve estar em pauta. É inútil tentarmos ser específicos aqui, com interpretações naturais ou sobrenaturais das palavras. O grande e terrível dia do Senhor se comporá, pelo menos em parte, de tais acontecimentos; mais do que isso ocorrerá, entretanto, durante o julgamento dos homens, por meio do rearranjo da ordem social, e poderosas obras haverá em favor dos remidos, ou seja, coisas pertinentes ao reino de Deus e à era eterna. Cf. Mal. 4.5.

2.32

E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Os fiéis, os que tiveram o coração bem disposto e as condições para invocarem o nome de Yahweh, esses serão libertados dos terríveis fenômenos e receberão a graça divina da redenção. O monte Sião e Jerusalém são destacados como lugares da manifestação dos poderes remidores de Deus. Yahweh chama aqui os sobreviventes do terror ao Seu quartel-general. O profeta Joel, no entanto, não recebeu a visão maior da redenção mundial que alguns dos profetas receberam, e que se tornou tão comum como a posição do Novo Testamento. Ver Efé. 1.9,10 explicado no *Novo Testamento Interpretado* quanto às dimensões maiores dessa doutrina. Pedro empregou a primeira parte deste versículo (ver Atos 2.21), que fala da fé e da salvação espiritual. Paulo (em Rom. 10.13) citou a promessa de Joel e a aplicou ao princípio da salvação pela fé, para todos os povos de todas as épocas. A *eleição* divina — "aqueles que o Senhor chamar" — é referida por Pedro em Atos 2.39. Portanto, vemos a ação do livre-arbítrio humano ao aproximar-se de Deus, e a eleição divina a trabalhar em conjunto com esse livre-arbítrio, sendo que as duas coisas mostram a verdade inteira da questão, embora não possamos reconciliar os dois elementos aparentemente contraditórios. Ver no *Dicionário* os verbetes intitulados *Livre-arbítrio* e *Eleição.*

SONHOS

Consulte o artigo sobre *Sonhos* no *Dicionário*

A tradição hebraica-cristã sempre deu um lugar muito importante aos sonhos como um possível modo de orientação divina.

Sonhos bíblicos — alguns exemplos: Gênesis 28.12; Gênesis 31.10-13; Gênesis 40.5; Gênesis 41.7; Juízes 7.13,15; I Reis 3.5; Jer. 23.28; Daniel 2.3; 4.5; 7.1; Mateus 1.20; 2.12; 27.19; Atos 2.17 (citando Joel 2.28)

Joel (citado em Atos 2.17) equaciona sonhos espirituais à profecia. O islamismo considera sonhar um dos ofícios proféticos quando esses sonhos são direcionados por Deus e apresentados através de homens merecedores.

O Smithsonian Institute publicou um artigo no qual somos informados de que temos entre 30 e 50 sonhos por noite. Literal ou simbolicamente, nosso futuro sem dúvida está todo contido neles, mesmo no que diz respeito às coisas mais banais.

A função dos sonhos demonstra a naturalidade do fenômeno psíquico. Todos nós somos psíquicos, tendo a capacidade de prever o futuro enquanto dormimos.

Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões.

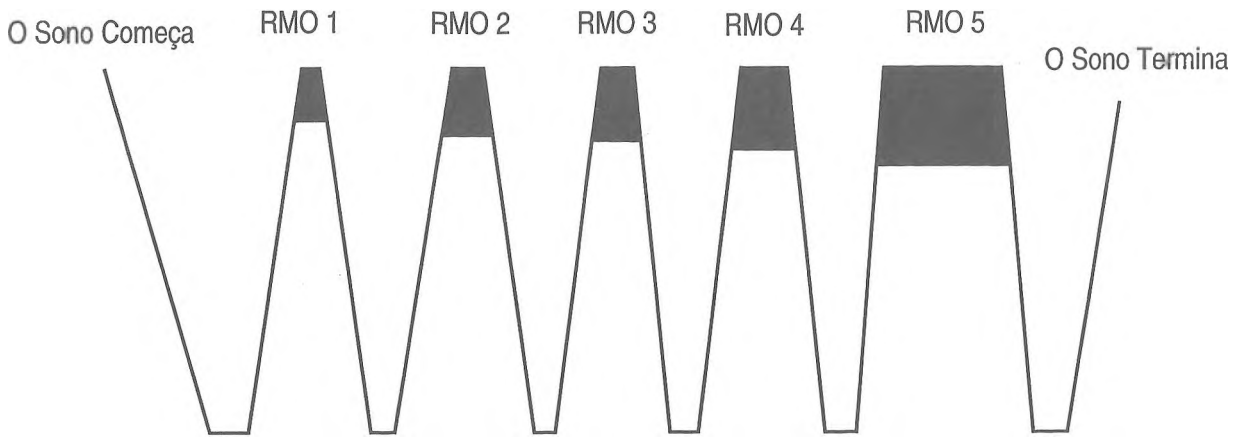
Joel 2.28

Modos de Orientação divina

A tradição hebraica lista esses quatro tipos principais:

1. Profetas e suas visões
2. Sonhos
3. Urim e Tumim
4. Bath kol, a voz divina

OS CICLOS DOS SONHOS



Ciclos de sono da 90 minutos cada
RMO's (rápidos movimentos dos olhos) ocupam uma parte, de cada Ciclo.
Nos períodos de RMO, a pessoa sonha. Os períodos de RMO duram mais tempo enquanto a noite progride.

MINUTOS	90	180	270	360	450

GRÁFICO DOS CICLOS DOS SONHOS

ALGUNS FATOS SOBRE SONHOS

A maioria dos sonhos é realização de um desejo para compensar uma condição não ideal na vida real.

Alguns sonhos são ético-morais e dão instrução para a correção de erros.

Alguns sonhos procuram resolver traumas e ansiedades, inventando cenários que sugerem planos para escapar aos sofrimentos.

Alguns sonhos são psicossomáticos, advertindo-nos sobre condições patológicas no corpo.

Alguns sonhos são psíquicos, como aqueles que empregam a telepatia ou que podem prever o futuro (precognição).

Alguns sonhos são espirituais e dão instrução para melhorar nossa espiritualidade. Este tipo de sono faz parte da nossa herança espiritual.

Capítulo Três

Deus Promete Julgar os Opressores de Israel (3.1-3)

Joel deixa para outros profetas as visões concernentes à salvação e restauração dos gentios. Ele termina seu livro proferindo condenação contra os opressores do povo de Israel e deixa a questão nesse pé. Com uma tirada incansável, ele derruba todos os adversários de Israel e, até onde lhe dizia respeito, esse foi o fim da questão. Sua visão foi limitada quanto aos detalhes, até mesmo diante dos padrões do Antigo Testamento; mas o que ele tinha para dizer tornou-se parte de nosso estoque de conhecimentos proféticos. Grandes provas haverão de sobrevir às nações no vale de Josafá, chamado vale da decisão no vs. 14. Cf. Jer. 25.31.

3.1

Eis que naqueles dias, e naquele tempo. Embora Yahweh venha a restaurar a fortuna de Israel, Ele realizará paralelamente uma obra terrível entre as nações gentílicas. As palavras "naqueles dias" apontam para o "tempo da restauração de Israel". Alguns limitam a mensagem deste livro ao retorno de Judá do cativeiro babilônico, mas isso expressa uma opinião muito estreita, embora as palavras literais possam significar somente isso. Cf. este versículo com Jer. 33.15; 50.4,20. Cf. também Deu. 30.3. No Novo Testamento temos a passagem de Rom. 11.26, que diz: "E assim todo o Israel será salvo".

Alguns intérpretes vêem aqui a esperança da restauração tanto para a nação norte (Israel) do cativeiro assírio, quanto para a nação sul (Judá) do cativeiro babilônico, mas esse parecer fica aquém do esquema escatológico que este capítulo concebe. As palavras "naqueles dias" têm sido cristianizadas por alguns eruditos para significar "a dispensação do evangelho", mas isso está fora de lugar aqui. Ver no *Dicionário* o verbete denominado *Restauração de israel,* quanto a detalhes.

3.2

Congregarei todas as nações e as farei descer ao vale de Josafá. Em contraste com as bênçãos sobrevindas a Israel, temos as maldições que caem sobre os povos gentílicos. Deus reunirá todas as nações (ver Sof. 3.8) no temível *vale de Josafá,* onde elas enfrentarão singular agonia. Essa é a única referência a tal lugar na Bíblia, e o profeta não ofereceu nenhuma explicação. Isso faz os intérpretes conjecturar: 1. O termo não se refere a nenhum lugar específico, mas é um nome inventado para o vale da decisão (vs. 14). *Josafá* foi escolhido meramente por causa de seu significado: "Yahweh julgou". 2. Tanto a tradição cristã quanto a tradição islâmica associam o nome com o vale do Cedrom, localizado entre Jerusalém e o monte das Oliveiras. 3. Essa idéia é refinada por alguns estudiosos, que supõem que um grande terremoto formará um vale que, no futuro, será chamado vale de Josafá. Supostamente, para formar esse vale, o terremoto rachará em dois o monte das Oliveiras, mas isso soa para mim como exagerado refinamento. 4. Ou temos nesse nome uma forma alternativa do nome *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*). Estou conjecturando que a primeira dessas quatro interpretações é a correta.

Seja como for, naquele lugar, Yahweh *entrará em julgamento* (Revised Standard Version) contra todos os povos que maltrataram Israel, guerrearam contra eles e os espalharam a lugares longínquos da terra. A alusão é aos cativeiros assírio e babilônico, mas a referência é geral e não deve ser limitada a uma ou duas instâncias de perseguição. Cf. Jer. 52.28-30. Tanto os assírios quanto os babilônios dividiram a Terra Prometida visando seu próprio benefício, e enviaram estrangeiros para lá, a fim de habitar no espaço disponível. Além disso, houve a dispersão romana, iniciada em 132 D. C. por ordens de Adriano, que esvaziou o país de judeus.

3.3

Lançaram sortes sobre o meu povo. *Povos cativos* e prisioneiros de guerra tradicionalmente eram maltratados por seus captores. Israel sofreu repetidamente tais ultrajes. As pessoas lançavam sortes para dividir as terras que tinham tomado à força, como se essas lhes pertencessem; eles vendiam os preciosos filhos de Israel para comprar prostitutas; e vendiam meninas pequenas em troca de vinho. Desse modo, os filhos e as filhas foram levados para uma escravatura sem misericórdia, para serem usados como se fossem mera propriedade. Este versículo fala da intensa crueldade e barbaridade humana, a ausência total de bondade, a desumanidade do homem contra o homem, o que tem manchado toda a história. O pequeno valor dado a meninos pequenos, pelos seus captores, é ilustrado mediante a leitura da versão Peshitta. Eles eram vendidos não para comprar alguma prostituta, mas somente para alugá-la por uma única experiência: "deram meninos por meretrizes". "A tão miseráveis circunstâncias foram reduzidos os pobres judeus, em seu cativeiro, a ponto de seus filhos serem vendidos por seus opressores, tanto meninos quanto meninas, para os mais baixos propósitos" (Adam Clarke, *in loc.*).

Sortes sobre o meu povo. "Não somente por causa de suas terras, mas igualmente por causa de suas pessoas: quantos cativos cada soldado conseguia arranjar. Noventa e sete mil foram levados cativos pelos romanos, conforme diz Josefo (*Guerras,* 1.6, cap. 9. sec. 3).

Pecados e Punições de Tiro, Sidom e Filístia (3.4-8)

3.4

Que tendes vós comigo, Tiro e Sidom..., Filístia? Quanto aos povos mencionados (ver os artigos sobre cada povo, no *Dicionário*), as cidades fenícias estavam envolvidas no comércio escravagista, em que os judeus eram comprados e vendidos (vs. 6), mas essa era apenas uma dentre suas muitas infrações contra a humanidade. Naturalmente, os judeus, quando combatiam uns contra os outros (como a nação do norte contra a nação do sul, ou de facções contra facções dentro dessas duas nações), ou quando conquistavam outros povos, eram culpados das mesmas brutalidades, o que significa que os gentios não tinham monopólio do pecado. "Tiro e Sidom e todas as regiões da Filístia! Que tendes contra mim? Estais a punir-Me por causa de alguma coisa que fiz? Então farei rapidamente contra vós aquilo que tendes feito contra Mim" (NCV). Este versículo mostra a proximidade entre Yahweh e Seu povo, conforme se aprende em Joel 2.23,26,27. Israel era filho de Yahweh (ver Êxo. 4.22). Os fenícios controlavam os mares e muitas rotas comerciais, e havia opressão econômica. Os *filisteus* se fizeram inimigos de Israel desde o princípio, tornando-se culpados de muitas atrocidades. Ver Amós 1.6,9 quanto a um paralelo próximo do presente versículo e onde é dada uma lista dos crimes mais óbvios.

Com severa ironia, Yahweh adverte-os dizendo que a chamada vingança seria um tiro pela culatra contra eles. Cf. Isa. 58.18 e Oba. 15. Ver também o vs. 7, logo adiante, neste mesmo capítulo.

3.5

Visto que levastes a minha prata e o meu ouro. Este versículo fala primeiramente sobre a exploração econômica e em segundo lugar sobre os ataques diretos, mediante os quais as riquezas de Israel foram tomadas pelos fenícios. Os tesouros, neste caso, não eram especificamente do templo, o principal depósito de valores de Judá, pois os fenícios nunca conseguiram saquear o templo. Devemos compreender o país como um todo, bem como seus recursos financeiros. Por outra parte, os filisteus tinham uma longa história de saques de Israel. Ver Juí. 13.1; I Sam. 5.1; II Crô. 21.17. Os filisteus tomavam dos bens dos israelitas e os colocavam em seus templos, os quais eram depósitos comuns para receber coisas saqueadas. Ver I Sam. 5.2; 31.10. Foram os babilônios que saquearam o templo de Jerusalém (ver Jer. 52.13,17 ss.).

3.6

E vendestes os filhos de Judá e os filhos de Jerusalém. Os fenícios transportavam escravos hebreus aos portos do mar Mediterrâneo e a outras nações que estavam ativas no tráfico de escravos. Amós também acusou os fenícios e os filisteus de ocupar-se desse negócio vergonhoso (ver Joel 1.6,9), que incluía escravos judeus como parte do comércio entre a Grécia e Tiro. Os fenícios desde há muito dedicavam-se a esse negócio, pelo que há uma referência essa atividades na obra de Homero, *Odisséia* XIV.297; XV.482-484. Ver Heródoto, *Hist.* I.1.11.54. A referência específica aqui pode ser aos eventos que se seguiram ao cativeiro babilônico, que produziu um número razoavelmente grande de escravos a serem oferecidos no mercado.

3.7

Eis que eu suscitarei do lugar para onde os vendestes. Yahweh-Elohim não deixou as coisas ficar como estavam. Ele despertou Seus filhos, que estavam escravizados, para voltar à Terra Prometida (vs. 1), a fim de, por meio deles e inteiramente à parte deles, tirar vingança daqueles homens maus. Haveria um *temível julgamento* contra aqueles homens, o que repete a idéia do vs. 4. Chegará o tempo em que Israel obterá ascendência sobre os seus inimigos (ver Isa. 41.11,12; Amós 9.12; Oba. 15-21; Miq. 7.16,17; Sof. 2.6,7). Alexandre devolveu a liberdade a muitos judeus, conforme diz Josefo em sua obra *Guerras* iii.9.2. Essa foi uma medida preliminar. Yahweh levaria essa questão à fruição.

3.8

Venderei vossos filhos e vossas filhas aos filhos de Judá. Os que negociavam com escravos sofreriam conforme a *Lex Talionis* (retribuição conforme a gravidade do crime cometido; ver a respeito no *Dicionário*). Visto que eles tinham

vendido crianças judias como escravas, usando-as como sua propriedade (vs. 3), o mesmo aconteceria a seus filhos. Os judeus tornar-se-iam ativos nos negócios escravagistas e venderiam crianças gentílicas aos *sabeus*. Esse povo era conhecido por seu ativo comércio escravagista (ver I Reis 10.2; Eze. 27.22,23). Seba, a terra deles, ficava no extremo sul da Arábia (ver Jer. 6.20). Assim aconteceria por força do decreto divino (ver Oba. 18). Diodoro Siculo XIV.45 diz especificamente que sidônios foram vendidos como escravos por Artaxerxes III, em 345 A. C. O *Anábasis de Alexan*dre, II.24,27, de Ariano, afirma que os tírios e o povo de Gaza foram vendidos por Alexandre, o Grande (332 A. C.). Temos aí uma justiça retributiva, outra instância da *Lei Moral da Colheita segundo a Semeadura* (ver a respeito no *Dicionário*). Diz o Targum: "Pois pela palavra de Yahweh foi assim decretado".

As Nações São Convocadas para a Batalha Final (3.9-11)

3.9

Proclamai isto entre as nações. "A guerra santa entre os guerreiros do Senhor e todas as nações ao redor (cf. Eze. 38 e 39)" (*Oxford Annotated Bible,* comentando sobre este versículo). Os arautos de Yahweh anunciaram a mensagem em palavras altissonantes, curtas e claras. Eles tiveram de preparar-se (*santificar*) para a guerra. Essa preparação geralmente era feita pelos povos antigos mediante ritos religiosos e súplicas dirigidas aos deuses. Cf. I Sam. 7.8,9. A mesma palavra hebraica é usada para a instituição de festas e jejuns religiosos (ver Joel 1.14 e 2.15). Além disso, eles tinham de aproximar-se dos lugares da matança, de onde muitos milhares não retornariam. *Todas as nações* se envolveriam, visto que seria efetuada cobrança universal. Cf. Isa. 34.2; Oba. 15 e Zac. 14.2. A cena é a do *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*), embora não seja chamada por esse nome.

3.10

Forjai espadas das vossas relhas de arado. As instruções dadas aqui são o oposto exato daquelas dadas em Isa. 2.4 e Miq. 4.3, onde instrumentos de guerra são transformados em instrumentos agrícolas, porquanto o reino de Deus (o milênio) trará a paz quando a guerra não mais existir. Para que haja armas em número suficiente para a grande batalha, instrumentos agrícolas terão de ser transformados em instrumentos de morte, a espada e a lança. Homens fracos subitamente se tornarão *guerreiros,* porquanto muitas serão as vítimas que tombarão no campo de batalha. Haverá muito de matar ou ser morto. A palavra de ordem do dia será "congregai-vos!" (vs. 11; cf. Zac. 12.9).

"A sorte que envolveu os ímpios, por muitas e muitas vezes na história, aponta para o significado desta profecia. Certamente acontece que as mesas são viradas de cabeça para baixo, de tal maneira que aqueles que vivem da espada morrerão por meio dela, e nações que atacaram outras nações perecerão. As nações encontrarão a armadilha na qual cairão no vale da decisão" (Norman F. Langford, *in loc.*).

3.11

Apressai-vos, e vinde, todos os povos em redor. As forças dos ímpios reunir-se-ão no campo da matança. As forças de Yahweh se encontrarão ali, pois o mesmo decreto requer ambas as coisas. É a vontade de Yahweh que deverá ter cumprimento, porquanto Ele intervém nas atividades dos homens e das nações. Ver no *Dicionário* o verbete chamado *Teísmo.* Os povos de todas as nações se reunirão, vindos de todas as direções. Para enfrentar essa horda, uma poderosa força de Yahweh chegará correndo. Seus *fortes soldados* (NCV) estarão presentes, também chamados de "teus valentes", havendo nisso uma possível referência ao envolvimento de poderes angelicais. "... vindos de todas as partes da terra para o vale de Josafá, ou Armagedom (ver Apo. 16.14,16)" (John Gill, *in loc.*). Kimchi e Aben Ezra fazem dos anjos que ali acorrem os destruidores, como foi o caso do exército de Senaqueribe (ver II Reis 19.35-37).

O Julgamento Final (3.12-16a)

3.12

Levantem-se as nações, e sigam para o vale de Josafá. Quanto a notas expositivas sobre as várias interpretações do vale de Josafá, ver o vs. 2. Esse vale é o equivalente à tradicional doutrina do *Armagedom* (ver a respeito no *Dicionário*). A decisão final será tomada. Os ímpios cairão no esquecimento. Um *Novo Dia* raiará entre a fumaça e os escombros. Yahweh faz agora o convite fatal que Ele confiara primeiramente a seus mensageiros (vs. 9). Sua vontade será cumprida. A iniqüidade tinha de ser detida em algum ponto da história. Não podia continuar para sempre. Era necessário haver um dia final de prestação de contas. O lugar tinha de ficar cheio com os cadáveres dos mortos (Sal. 110.6). As nações terão de ser julgadas. Terão de sofrer uma reprimenda final (ver Isa. 2.4). Ver também Miq. 43,11-13; Sof. 3.15-19; Zac. 12.9; Mal. 4.1-3.

3.13

Lançai a foice, porque está madura a seara. A matança que terá lugar é agora comparada à colheita e ao pisar das uvas, figuras apocalípticas comuns. Haverá uma *colheita*: a foice cortará o cereal; as *uvas serão pisadas no lagar,* e o suco delas escorrerá e encherá as tinas que não podem conter todo o suco, pelo que transbordam. Assim como a iniqüidade era "grande", também a matança fará com que o sangue dos réprobos inunde o campo de batalha. Cf. Isa. 17.5 e Apo. 14.15 ss., trechos que, sem dúvida, dependem do presente versículo. Os guerreiros santos executarão a sentença, e ela terá de ser cumprida. A paciência divina ter-se-á esgotado. O dia da consumação chegará. Os intérpretes literalistas vêem aqui guerreiros celestiais, exércitos angelicais, conforme sugiro nas notas expositivas sobre o vs. 11. "Esses versículos (12 e 13) indicam claramente que o julgamento mencionado neste capítulo realmente assumirá a forma de guerra divina contra os inimigos de Israel. Portanto, o desabafo aqui descrito deve ser equiparado à batalha do Armagedom (cf. Apo. 14.14-20; 16.16; 19.11-21), e não ao julgamento das nações profetizado em Mat. 25.31-46" (Robert B. Chisholm, Jr., *in loc.*).

3.14

Multidões, multidões no vale da decisão! O Dia do Senhor, a catástrofe no vale de Josafá, a batalha de Armagedom, são todos uma e a mesma coisa. Devemos entender que naquele dia o *vale da decisão* ficará repleto de multidões. O Dia do Senhor decidirá os destinos eternos ali. Será um dia grande e temível, de julgamento e dor. Ver sobre esse título no *Dicionário.* A repetição, "multidões, multidões" subentende um número tão grande que será impossível qualquer cômputo. Será a batalha para terminar todas as batalhas, para resolver todas as questões de certo e errado. Haverá vingança; as contas serão ajustadas. Essas multidões serão reunidas para condenação de destruição. O veredicto divino será executado. Há em tudo isso uma inescapável finalidade. Poderes sobre-humanos realizarão a obra de destruição. O texto diz que Deus fará essa obra sozinho, sem a ajuda dos exércitos humanos. "Por tentador que seja interpretar isso como uma referência às decisões que os homens têm de tomar em tempos de crise, tal interpretação não é uma exegese sã aqui. A referência nestes versículos é à *decisão de Deus...* os ímpios serão apanhados na armadilha no vale da decisão. Um poder superior ao homem terá derrubado os ímpios" (Norman F. Langford, *in loc.*).

3.15

O sol e a lua se escurecem. Haverá *acontecimentos cósmicos,* conforme vemos em Joel 2.10 e 31, onde ofereço as notas expositivas. Será um dia de trevas totais, pois o sol, a lua e as estrelas negarão sua luz aos homens. Naturalmente, essas são figuras simbólicas, mas falam de acontecimentos temíveis e totalmente sem precedente, que haverão de alcançar homens pecaminosos, que têm rejeitado todos os apelos ao arrependimento.

3.16a

O Senhor brama de Sião, e se fará ouvir de Jerusalém. O Dia do Senhor terá início por ser a mais horrenda das noites (vs. 15), na qual Yahweh rugirá em Sião e sairá como um leão para despedaçar os inimigos do bem e pôr um ponto final neles. Sua voz soará poderosa em Jerusalém. Todos os poderes dos céus e da terra serão abalados pela Sua voz, figura simbólica que também aparece em Joel 2.10,11. A voz de Yahweh será um estrondeante clamor de batalha que anunciará o fim do mal. Cf. Apo. 16.16,18 e também Eze. 38.18-22; Jer. 25.30; Amós 1.2 e 3.8. Cf. essa figura com a voz estrondeante de Yahweh, em Sal. 18.13 e Hab. 3.10,11.

As Bênçãos de Judá (3.16b-21)

3.16b

Mas o Senhor será o refúgio do seu povo. A matança da batalha de Armagedom nada deixará das nações gentílicas, mas das cinzas e da destruição Israel se soerguerá como a fênix. Há *esperança* para Israel, e nenhum estrangeiro jamais atravessará novamente a cidade de Jerusalém (vs. 17), ou seja, ninguém a violará em sentido algum. O Senhor será o refúgio de Israel no temível dia da batalha de Armagedom, tal como é expresso também em Sal. 61.3. Ver no *Dicionário* o artigo chamado *Refúgio,* bem como notas expositivas adicionais em Sal. 46.1. Yahweh será a fortaleza e defesa de Israel naquele tempo, quando nenhum poder na terra poderia deter as nações reunidas (vs. 11). Desse modo, haverá intervenção sobrenatural. O *teísmo* bíblico ensina que o Criador também intervém em Sua criação, recompensando e punindo, em consonância com as leis morais de Deus. Essa idéia deve ser contrastada com o *deísmo,* que ensina que a força criadora (pessoal ou impessoal) abandonou Sua criação aos cuidados das leis naturais. Ver sobre ambos os termos no *Dicionário.* Quanto ao vocábulo *fortaleza,* cf. Sal. 9.9; 18.2; 27.1; 37.39; 43.2 e 144.3.

3.17

Sabereis assim que eu sou o Senhor vosso Deus. Israel aprenderá a excelente e encorajadora lição de que *Yahweh* é *Elohim*, o Poder que pode fazer e realmente faz tudo por Seu povo. Ele faz Seu quartel-general na colina de Sião e ali manifesta Sua presença. Jerusalém será santificada por essa presença, e o povo que ali estará vivendo deve corresponder a essa santidade com sua santidade imitativa, sempre imperfeita, mas sempre crescente. Os estrangeiros, que com tanta violência violaram Jerusalém, nunca mais terão oportunidade de repetir esse ato. Uma *Nova Ordem* será estabelecida na era do Reino. Cf. esse sentimento com Isa. 52.1 e Zac. 14.21. Em Apo. 21.27 e 22.14,15, a base para a exclusão será puramente espiritual e ética. A iniqüidade causara imenso caos. Mas chegará o fim da iniqüidade. "Estrangeiros serão aqueles que, até ali, oprimiram Israel. Eles eram como as manchas e as rugas que enfeiavam a noiva, a Igreja de Deus" (Ellicott, *in loc.*).

Joel deixou os povos gentílicos abandonados, enquanto outros profetas vêem para os gentios, igualmente, uma restauração final. Ver Isa. 42.6; 49.6. O conhecimento do Senhor, como Seu poder transformador, será universal (ver Isa. 11.9,10). Ver o artigo geral chamado *Restauração,* na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.*

3.18

E há de ser que, naquele dia, os montes destilarão mosto. *Condições Vigentes no Reino.* Cada detalhe de geografia produzirá sua contribuição apropriada para o bem-estar do povo. Portanto, encontramos aqui uma série de figuras que personalizam as características geográficas da Terra Prometida. Os *montes* produzirão mosto (cf. Amós 9.13). As *colinas* fluirão leite (ver Amós 9.13). Ver a expressão comum "fluir com leite e mel", em Êxo. 3.8. Os *rios* de Judá, secos a maior parte do ano, fluirão com águas abundantes, e não conhecerão estação seca (ver Isa. 30.25; Eze. 47.1-12; Zac. 14.8; Enoque 26, 28 e 30). Haverá águas vivas. Cf. Apo. 22.1,2. Quanto às torrentes messiânicas de bênçãos, provavelmente sugeridas pelas águas de Siloé, ver Isa. 8.6 e Sal. 46.4.

Também uma *fonte* fluirá do Trono de Yahweh, no templo de Jerusalém. Ver Eze. 47.1, onde temos a mesma imagem do Templo Ideal. Ver também Zac. 14.8 e Apo. 22.1, que repousa diretamente sobre o texto presente. As águas ali serão tão abundantes quanto as águas do inteiro vale de Sitim, cujas regiões inferiores normalmente são secas. Pode estar em vista o wadi en-Nar, onde árvores como a acácia são encontradas até hoje. Sitim significa "acácia". "O vale das acácias provavelmente é a porção do vale do Cedrom que corre através do deserto árido do mar Morto (cf. Eze. 47.8)" (Robert B. Chisholm, *in loc.*).

3.19

O Egito se tornará uma desolação. Em contraste com Israel, o que restar das potências gentílicas após a destruição da batalha do Armagedom (vss. 12 ss.), será deixado desolado. O Egito e Edom, inimigos perenes de Israel, representam neste versículo as nações gentílicas. Joel deixou de ver a restauração para qualquer outro povo além de Israel e, assim sendo, ficou aquém da visão de outros profetas. Ver as notas expositivas sobre o vs. 17. O Egito será deixado como uma terra desolada e infértil (cf. Eze. 29.8). Edom tornar-se-á um deserto estéril (ver Eze. 35.3,4; 7.14,15). Esse será o julgamento das nações por terem oprimido Israel, uma instância das operações da lei da colheita segundo a semeadura (ver Gál. 6.7,8). Essas nações tornaram-se culpadas dos mais horrendos crimes, incluindo crimes de sangue. Ver I Reis 14.25,26; II Reis 23.29 (o Egito está aqui envolvido). Ver Oba. 1-21 quanto ao caso de Edom. A segurança de Israel será garantida pelo rearranjo as potências nacionais. Jerusalém será habitada para sempre (ver Eze. 37.25; Amós 9.15; Zac. 14.11). Não haverá mais cativos nem desgraças.

3.20

Judá, porém, será habitado para sempre. *A perpetuidade da nação de Israel,* tanto de seus habitantes quanto de suas bênçãos, é prometida a Jerusalém. O tempo da opressão estrangeira finalmente terminará. Israel será levantado como cabeça das nações. Um Novo Dia raiará, com uma Nova Ordem. O Messias é poderoso e reina poderosamente. "Jerusalém, a cidade glorificada por Deus, será eterna" (John A. Thompson, *in loc.*).

> *Plantá-los-ei na sua terra, e, dessa terra que lhes dei,*
> *já não serão arrancados, diz o Senhor teu Deus.*
>
> (Amós 9.15)

3.21

Eu expiarei o sangue dos que não foram expiados. Este versículo combina a condenação dos povos gentílicos com a glória de Israel, os primeiros por causa de seus muitos abusos contra Israel, incluindo crimes de sangue; e os segundos porque o povo de Israel, arrependido, voltou-se para Deus, e agora estava no plano divino para glorificar aquela nação. No encerramento de seu livro, o profeta, de maneira mui característica (cf. Joel 1.20 e 2.27), repete os temas principais do livro: a necessidade de os culpados impenitentes sofrerem a justa vingança divina; a necessidade de Seu povo ser vindicado como nação; a presença de Sião para garantir a exaltação de Israel. Vemos a afirmação da presença do Senhor em Sião, em Joel 3.17. Esse fato, acima de todos os outros, é uma garantia da glória futura de Israel, descrita nos vss. 17-21 do presente capítulo.

> *O nome da cidade desde aquele dia será: O Senhor está ali.*
>
> (Ezequiel 48.35)